



EDISE

Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Carol Patriarca

Liz Carvalhal

Revisão

Yuri Gagarin

Cândida Oliveira

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Hugo Sidney (jornalista) • Antônio da Cruz (artista plástico) • Yago Andrade (jornalista) • Matheus Brito (jornalista/fotógrafo) • Estácio Bahia (poeta) • Paulo Correa (pesquisador) • André Teixeira (pesquisador/fotógrafo) • Lúcio Prado (colaborador) • Jorge Carvalho do Nascimento (historiador)

Cumbuca

Ano VII | Número 23

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado de Governo

José Carlos Felizola Soares Filho

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

Em abril de 2019 a Revista Cumbuca completou seis anos de vida, com uma equipe afiada, mantém a tradição de dar visibilidade à cultura sergipana. Em sua 23ª edição oferece aos leitores os mais diversos tipos de manifestações artísticas e culturais sergipanas, são textos que não se prendem à temporalidade dos fatos. Na revista, há sempre publicações de gêneros jornalísticos e literários.

Em matéria assinada pelo jornalista Hugo Sidney sobre o livro “Patrimônio Ambiental Sergipano”, há a busca por enaltecer uma nova percepção sobre a natureza, tema extremamente pertinente na atualidade.

O Poeta do Aço, Antônio da Cruz, membro da Academia de Letras de Aracaju, fala da exposição que homenageia o saudoso poeta Araripe Coutinho. A mostra comemorou os 50 anos de nascimento do poeta.

O jornalista Yago Andrade apresenta projetos que movimentam a cena artística e cultural na Praia da Cinelândia, a exemplo dos “Ensaio da Rural do Forró”. O também jornalista, Matheus Brito, trata da ‘Invenção de corpos’. Já o imortal Estácio Bahia Guimarães apresenta suas poesias.

Paulo Correa homenageia Jackson do Pandeiro, lembrando a contribuição de Sergipe em sua obra. O cantor usou composições de João Mello em seus LPs. André Teixeira faz um panorama dos sebos de Aracaju e da Grande Aracaju, inclusive com dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e do Instituto Pró-Livro.

‘Com a leveza e a beleza dos deuses’, o texto de Lúcio Prado trata do nosso Zeus, um artista com estilo inconfundível. Do seu esculpir nasceram santos e corpos nus de extrema beleza. Além dos temas sacros, Zeus criou o sertanejo na labuta diária e exaltou outras figuras típicas do nordeste, como o vaqueiro, o cangaceiro e o lavrador.

Jorge Carvalho do Nascimento propõe colocar luz sobre quatro homens que ao longo do século XX assumiram tarefas como intelectuais orgânicos do catolicismo em Sergipe e também de agentes políticos, essenciais para a formação dos quadros que assumiram os princípios do catolicismo: José Amado Nascimento, José Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado e Luiz Rabelo Leite.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor

O Sergipano Macaco Guigó



Foto:
Marcos Rodrigues

Capa:
Carol Patriarca



04



12

Belezas Naturais de Sergipe

Hugo Sidney

Alguém que Continua Entre Nós

Antônio da Cruz



16

Mostra Teu Som

Yago Andrade



20

Invenção de Corpos

Matheus Brito



34

Poesias

Estácio Bahia



40

Jackson do Pandeiro

Paulo Correa



44

Os Sebos em Aracaju

André Teixeira



54

Com a Leveza e a Beleza dos Deuses

Lúcio Prado



62

Quatro Intelectuais Católicos

Jorge Carvalho do Nascimento



por Hugo Sidney

Um sonho acalentado por anos que se materializa numa publicação que traz 271 imagens inéditas de 490 espécies da fauna e flora sergipanas, numa perspectiva de apreciação estética. O livro “Patrimônio Ambiental Sergipano”, lançado pelo repórter-fotográfico Marcos Rodrigues e pelo jornalista Hugo Sidney Brandão, busca enaltecer uma nova percepção sobre a natureza, tema extremamente pertinente na atualidade.

Ambos os autores apaixonados pela fotografia, pela natureza e por Sergipe, levaram à cabo um trabalho de pesquisa, prospecção e coleta de dados nas unidades de conservação, monumentos naturais e áreas de proteção ambiental existentes de Norte a Sul do estado, sobretudo nas unidades estaduais criadas a partir de 2008. “Nós fomos protagonistas de uma feliz coincidência onde, justamente no período onde o estado de Sergipe foi pioneiro na criação de unidades de conservação estaduais, notadamente a unidade da Mata do Junco, em Capela, e o monumento natural Grota do Angico, em Poço Redondo, nós trabalhávamos juntos e compartilhamos a ideia de mostrar o que nosso estado tem de atraente e peculiar do ponto de vista da diversidade natural”, explica o jornalista Hugo Sidney Brandão, autor dos textos da publicação.





**Fotografia, Arte,
Conhecimento e
Belezas Naturais
de Sergipe
para o mundo**



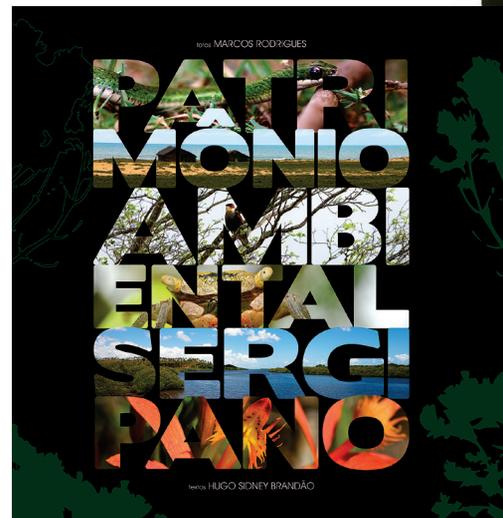
Segundo ele, o título não é por acaso, os sergipanos realmente dispõem de um patrimônio, embora, muitas vezes não devidamente reconhecido e preservado. “Nascemos num estado que, embora pequeno em território, é privilegiado do ponto de vista natural, com os biomas manguezal, caatinga, mata atlântica, restinga, dentre outros. Cada um com sua riqueza e com sua beleza. Isto é uma ferramenta fundamental para expandirmos os conceitos da sustentabilidade. E nós pretendemos contribuir com isto através da fotografia, que é um instrumento midiático que alia informação à arte”, justifica.

Paginando o livro, pode-se contemplar a beleza exuberante de animais e plantas encontrados no território sergipano, incluindo espécies endêmicas, só encontradas aqui, como o *Callicebus coimbrai*, o Guigó-de-Sergipe, um primata que até 1999 era desconhecido pela ciência, e tem hábitos peculiares como a alimentação à base de frutos de árvores da mata atlântica.

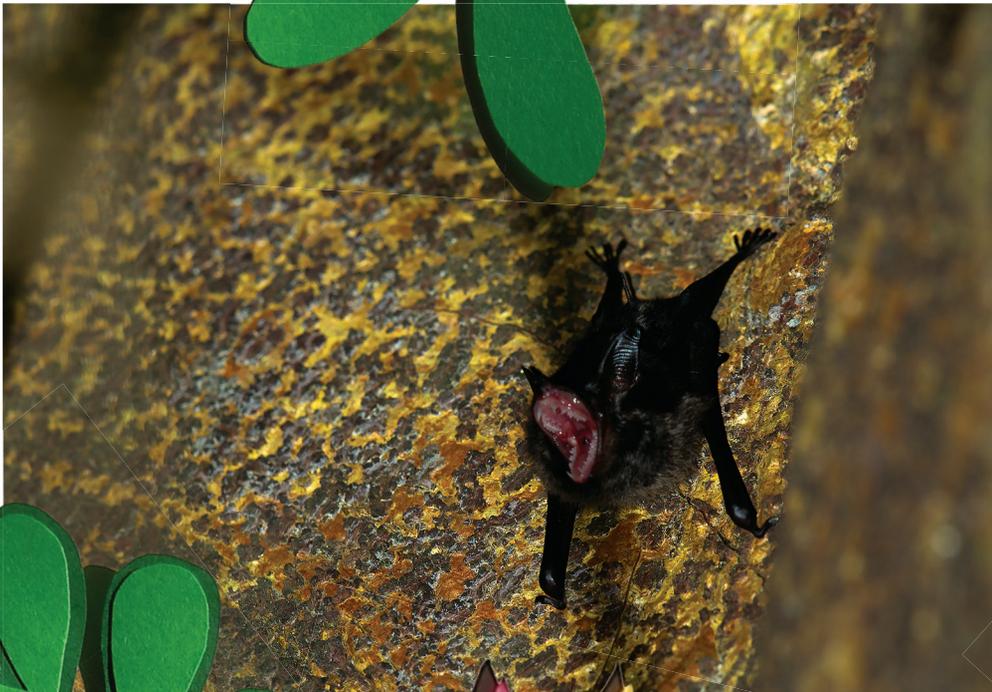
“É um animal interessante, ainda desconhecido do grande público, mas que atrai a atenção de pesquisadores de diversos países do mundo que vêm à Sergipe pesquisá-lo. Nós achamos esse um fato importantíssimo. Consideramos esse animal um ícone do patrimônio ambiental de Sergipe. Ele quase foi extinto, chegou a apenas dezenas de exemplares. Mas, graças ao trabalho abnegado de

Cobra e morcego (à direita encontrados na Mata do Junco)

Besouro encontrado em Apa Sul de Indiaroba)



Capa do livro



Búzio (Neritina Virginea) fotografado em Ponta do Saco, Estância



Aratu no Manguezal Viral

Camarão encontrado em Ponta do Saco, em Estância





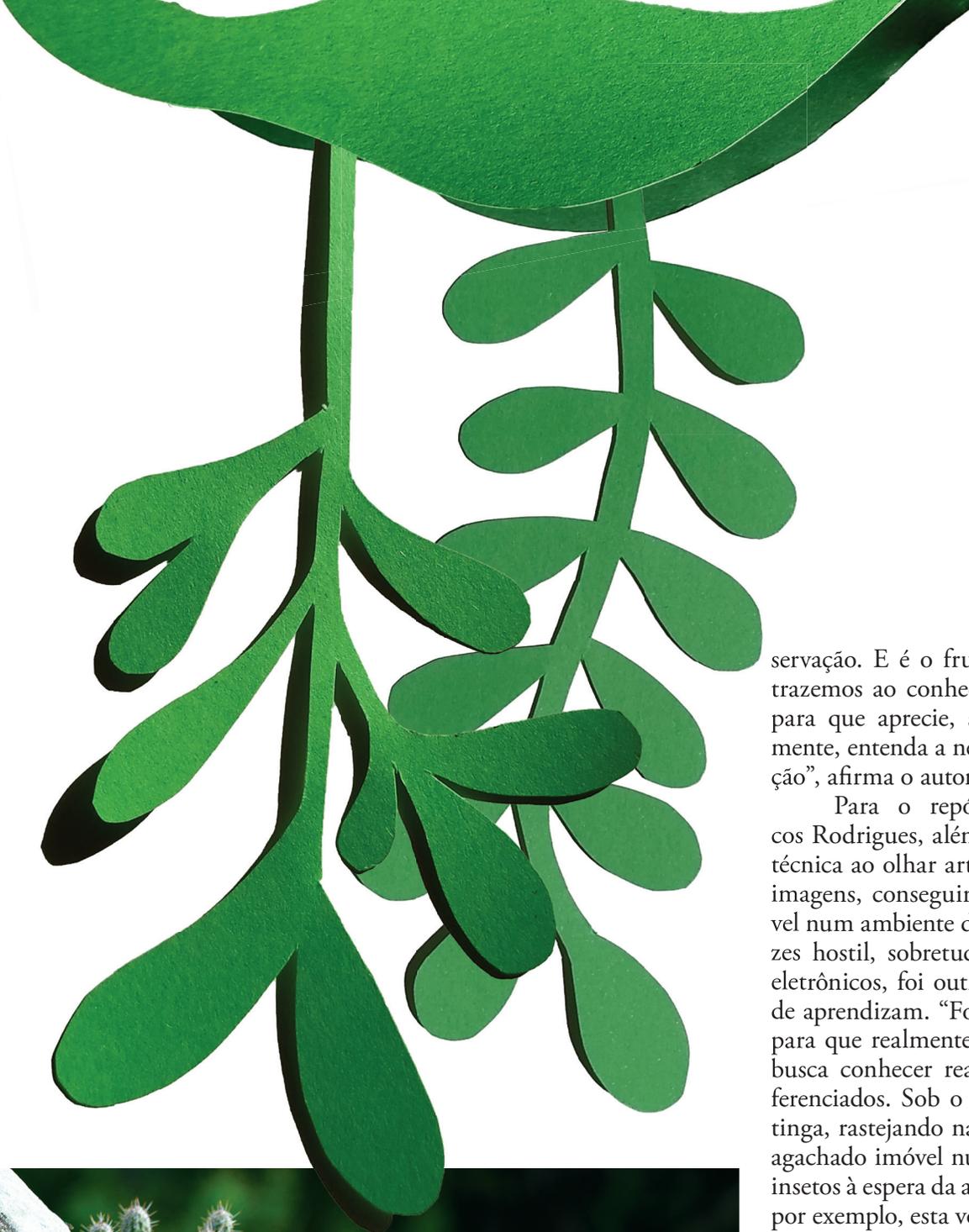
pesquisadores e nativos que colaboraram, hoje ele pode ser visto facilmente nas imediações da Mata do Junco. Pensamos que essa é uma história que merece ser contada”, afirma o jornalista.

E foi nessa linha, contando com aval técnico da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, apoio da Adena - Agência de Desenvolvimento do Meio Ambiente e de diversos pesquisadores, que o trabalho de pesquisa avançou explorando os biomas sergipanos em busca dos instantâneos que vão encher os olhos de quem aprecia a natureza e a fotografia numa época onde coletamos justamente os efeitos da degradação de todos os ecossistemas à nossa volta. “A mentalidade de preservação, ainda tida por muitos como algo exótico, nada mais é do que a única opção que temos para a nossa sobrevivência, como espécie, neste planeta. A marca do homem, da nossa civilização, tem sido a destruição e a produção de lixo. Precisamos, urgentemente, evoluir nessa mentalidade. Precisamos nos conscientizar que o desenvolvimento pode e deve ser consorciado com a sustentabilidade”, salienta Hugo Sidney.

Para ele, a sensibilização, sobretudo, das novas gerações, é um dos elementos preponderantes para buscarmos estabele-

cer uma relação menos destrutiva com a natureza. “Disso depende nosso futuro. A água que beberemos. O ar que respiraremos. Se não pensarmos nisso agora, poderemos não ter outra chance. E acredito que o estímulo natural à sensibilidade humana, de forma a captar o olhar de forma contempladora, pode mudar corações e mentes. É isso que buscamos trazer para os sergipanos, para os brasileiros e para todo o mundo. Mostramos o que é nosso e, como tal, temos responsabilidade sobre ele. Esse é nosso patrimônio”, destaca.

Além de privilegiar a imagem, a publicação, que é bilíngüe (português/inglês), traz um conteúdo informativo para situar o leitor nos principais aspectos do que é retratado, de forma sintética e objetiva, valorizando o trabalho dos pesquisadores. “Nós devemos muito a todos os que se embrenharam nas matas conosco, investindo seus finais de semana, seus carnavais, seus feriados, ao longo dos anos em que realizamos as pesquisas e a captação das imagens. Por isso, fizemos questão de citá-los nominalmente na obra, perenizando essa colaboração que recebemos. São profissionais que dedicam os melhores anos de suas vidas a este trabalho de pre-



servação. E é o fruto deste trabalho que trazemos ao conhecimento da sociedade, para que aprecie, se sensibilize e, finalmente, entenda a necessidade de preservação”, afirma o autor.

Para o repórter-fotográfico Marcos Rodrigues, além do desafio de aliar a técnica ao olhar artístico na captação das imagens, conseguir um resultado favorável num ambiente desconhecido e, por vezes hostil, sobretudo para equipamentos eletrônicos, foi outra grande oportunidade de aprendizagem. “Fotografia de natureza é para que realmente gosta, tem vocação e busca conhecer realmente ambientes diferenciados. Sob o sol escaldante na caatinga, rastejando na lama do mangue, ou agachado imóvel numa mata infestada de insetos à espera da aparição de um animal, por exemplo, esta vocação é posta à prova. Graças a Deus tivemos êxito e o resultado reflete todo esse esforço”, relata.

Fruto da produção do livro, também surgiu uma exposição fotográfica que faz a narrativa visual de tudo o que está exposto na publicação. A exposição percorre galerias, museus e instituições de ensino, sempre buscando mostrar Sergipe aos sergipanos. “Eu e meu parceiro de projeto tivemos a sorte de, desde a infância, convivemos intensa e harmonicamente com a natureza. O meu pai pescava, nadava em rios, me ensinou a observar os fenômenos naturais, o comportamento dos animais.



Moco encontrado em Gruta de Angico.

Macaco Guigó encontrado na
Mata do Junco



O pai dele também (referindo-se a Hugo). E isso reflete-se nessa paixão que ambos cultivamos e que é o cerne dessa obra. A força, o poder e a beleza da natureza”, completa Marcos Rodrigues.

A obra é, realmente, um convite a conhecer este Sergipe belo, de clima variado, vegetação e fauna diversa, nuances de cores em sua vegetação, seja no litoral ou no sertão, que, cada vez mais, tem despertado o interesse não só de pesquisadores, como de pessoas que realmente buscam ampliar seu conhecimento sobre todo o potencial da natureza.

“Essa obra era um sonho que acentava desde a infância, quando percorria os biomas do litoral Norte, sobretudo no município de Pirambu, de onde se origina minha família materna. Já até publicamos outras obras mostrando Sergipe, mas esta, que é dedicada totalmente à temática ambiental, representa uma realização especial e somos muito gratos a todos que nos ajudaram nessa jornada, acreditaram em nosso potencial e nos deram o devido espaço. Agradecemos ao Museu da Gente Sergipana, um templo da nossa cultura, idealizado pelo inesquecível governador Marcelo Déda, que nos acolheu no lançamento dessa obra e hospedou a exposição por três meses. Esperamos que os sergipanos conheçam e desenvolvam a sensação de pertencimento desse patrimônio que nos pertence”, conclui Hugo Sidney. 





ALGUÉM QUE CONTINUA ENTRE NÓS

Antônio da Cruz

“A exposição sobre Araripe, ao ser visitada com o coração aberto, nos faz repensar sobre nós mesmos e a visão que construímos sobre o outro. O poeta cumpriu seu papel - partiu para dar vida à sua obra, diante do complexo universo do pensar social.”

- Antonia Amorosa

“No Coração de Alguém Que Esteve Aqui” é paráfrase de “Como Alguém Que Nunca Esteve Aqui”, título do livro lançado em 2015, que fixou a comemoração dos 20 anos de atividade literária do poeta Araripe Coutinho. É o título da exposição que esteve em cartaz na Galeria Jenner Augusto, da Sociedade Semear, e comemora os 50 anos de nascimento do poeta. A Exposição foi vista por apreciadores da poesia, das artes visuais e quem tem curiosidade sobre a biografia de figuras de destaque como o poeta Araripe. É também um motivo de estudo para o pessoal da área de museologia: estudantes, curadores e montadores de exposições.

Com um conceito para lá de intimista foi idealizada, planejada e montada a exposição. Vem de um projeto curatorial concebido pela jornalista e cantora Antônia Amorosa, que é integrante da Academia de Letras de Aracaju, cujo patrono da sua cadeira é o próprio poeta Araripe. Na execução se envolveu gente sensível de designer e de arquitetura. Por conta destas atuações a exposição tem elementos visuais importantes como instalações, grandes painéis fotográficos e cenografia, que se reportam aos ambientes e à atmosfera da residência do poeta, além de outros lugares a ele ligados. É um projeto expográfico ousado, requintado e que dialoga pertinentemente com o mundo contemporâneo.

Partindo de Amorosa o conceito, com as arquitetas e os designers foi tomando corpo toda a concepção expográfica. Assim, mesmo que o projeto original fosse com ideias bem mais ousadas, pois por falta de recursos algumas não se materializaram, os materiais visuais e a forma como foram utilizados vieram a atender plenamente as funções e as expectativas do público.

Fotos: Lúcio Telles





Fotos da exposição
por Antônia Amorosa



Dividida em ambientes minuciosamente estudados, cada um deles, seja simbólico ou enquanto representação, buscou a reprodução do real. Há situações onde o público interage, deixando o seu autógrafo ou registrando um pensamento.

No ambiente Quarto Escuro lá estão os jargões do poeta; na Sala do Poeta estão as ações dele na linha do tempo, como o lançamento dos seus livros, certificados e homenagens recebidas. Aí sentimos a sensação de sermos observadores curiosos, tanto do interior quanto da paisagem externa ao escritório dele. Postados diante de duas janelas concebidas por fotografias sentimos tal sensação. No ambiente Pluralidade do Poeta vários objetos utilitários de uso pessoal simbolizam a diversidade das suas ações.

Há um palco resgatando a lembrança de quando o poeta Araripe adquiriu uma boate na Coroa do Meio; a banheira subversivamente cheia de livros; uma árvore com o poema “Lírica - Quem se lembraria de trazer-me um pêssego numa tarde de angústias”; e destaques da atuação do poeta no teatro.

No ensejo é importante enfatizar a sua produção literária enquanto objeto de estudo para um doutorado, que resultou no livro “Deus posto Deus morto: O sagrado e a sexualidade na poesia de Araripe Coutinho”, de Thiago Martins Prado, que, na introdução, o autor lembra que a morte é um tema presente na obra do poeta. No resumo do seu trabalho acadêmico é dito que ele se concentrou “nas razões da impossibilidade de a poética de Araripe Coutinho dissociar-se da imagem do Divino como principal censor da sua arquitetura

simbólico-homoerótica. Entre a necessidade de posicionamento e de defesa de representatividade de gênero e a forte influência do simbolismo católico, o poeta sergipano Araripe procura possibilidades para dissolver o conflito sacralidade versus sexualidade em sua obra.” Sintetiza assim, o Prof. Dr. Thiago Martins, parte da polêmica aflitiva provocada pela obra do poeta Araripe Coutinho.

A mostra não se esquiva de assuntos incômodos. Trata da foto polêmica do poeta, feita no conceito de nu artístico, no Museu Palácio Olímpio Campos, e “tira de letra”, com fotos de diversos modelos amigos do poeta, como ato de desagravo àqueles que o censuraram.

Para ser conhecida a atuação de Araripe como um voluntarioso agente social, o ambiente Ala das Detentas mostra, em painel de grandes dimensões, um muro com concertina que lembram o PREFEN, Presídio Feminino, onde ele atuou ministrando oficinas de literatura. Destas, resultaram livros, sendo um deles “Um Outro olhar”, com fotos de Isa Foz e textos das internas. O livro foi dedicado a ele, porém, foi-se o poeta aos 45 anos de idade, jovem, portanto, no dia 9 de dezembro de 2014, na sua residência. Falteu de uma parada cardiorrespiratória. Partes significativas da sua vida estava representada na mostra que ficou aberta ao público até o fim do mês de março.

“No coração de alguém que esteve aqui” é uma exposição para os aficionados visitarem e se deslumbrarem com o conceito e a estruturação, assim como o tema bem trabalhado. O poeta bem merece. **C**



Foto: Isa Foz

Mostra teu som que o mar canta contigo:

Projetos movimentam a cena artística e cultural na Praia da Cinelândia

por Yago Andrade

Sempre quando finda o período junino na capital sergipana os moradores lançam aquele famoso ditado “e agora, José?”, questionando o que há de movimentação cultural na cidade após o forró dos 30 dias de junho arrebatar a todos que aqui fazem morada. O que se sabe é que em um canto ou n’outro de Aracaju surgem ideias e idealizadores que buscam dar vida à cena cultural da cidade. Alguns destes ficam por tempo duradouro, outros funcionam somente como meio para que novos possam surgir posteriormente.

Sabe-se também, que o investimento das esferas governamentais e da iniciativa privada atualmente não facilita a vida daqueles que buscam viver da arte, nem nas periferias, nem nos pontos turísticos que comumente são mais privilegiados com estes tipos de ações. Na “Orla mais bonita do Brasil”, por exemplo, pouco se vê após os festejos juninos, época onde os artistas são con-

vocados para entreter os turistas que por ali transitam.

Remando contra essa maré da falta de incentivo e desesperança que acometem alguns produtores culturais, alguns projetos surgem aos poucos naquelas imediações. Buscando atrair a visibilidade dos visitantes e banhistas de carteirinha que passam pelas praias aracajuanas, se instalou na Praia da Cinelândia no início de 2019, uma das ideias que buscam consolidação em meio a este contexto: “Os Ensaios de Verão na Rural do Forró”.

Encabeçada por Iguassu Cândido, o Bob Lelis, o projeto tem o intuito de levar o bom e velho forró em diferentes épocas do ano, aliando a boa música com o clima que o local oferece nas tardes de sábado. Neste ano, a primeira temporada do projeto ocorreu em janeiro e contou com a participação de dezenas de artistas que abraçaram a causa.



PONTO DE PARTIDA

Com a ideia de ser um projeto itinerante que busca criar um elo entre o artista e o público, Bob Lelis tem usado sua Rural como base desde 2017, percorrendo diversos eventos no estado, como: Arraiá do Povo, Forró Caju, Festival de Artes de São Cristóvão e Bial do Livro de Itabaiana. Também esteve presente no Circuito Penedo de Cinema em 2018.

A iniciativa de desenvolver algo na região da Praia da Cinelândia surgiu justamente quando o artista se questionou em quais locais poderia passar com a sua Rural do Forró. “Todo final de ano eu faço um forró solidário no Parque da Sementeira onde arrecado alimentos para doar para instituições de caridade, só que no último ano não consegui fazer. Então, pensei em realizar algo no mês de janeiro, em um local diferente e em formato não

só de um show, mas de uma temporada”, explicou. A partir da ideia, o músico fez então as solicitações aos órgãos públicos para que o espaço fosse liberado durante os sábados daquele mês.

Ao todo foram quatro semanas de muita música, poesia e outras tantas formas de manifestações artísticas que se uniram ao projeto colaborativo, dentre eles: Lucas Campelo, Chiquinho do Além-Mar, Joésia Ramos, dentre outros. “Amigos, parceiros abraçaram a ideia junto a algumas pessoas que não conhecia, mas que por meio dessa iniciativa tive a oportunidade de conhecer e tocar junto”, relatou.

Para ele, o espaço da Praia da Cinelândia tem a capacidade de se tornar um ponto de encontro para contemplar a cultura e a arte. “Pensei em levar a Rural para aquele espaço porque naquele ponto nós temos o que mostrar, temos um cartão postal e também existe uma carência de cultura ali. A Orla possui locais que estão abandonados, culturalmente falando, e essas ações, mesmo que pontuais acabam movimentando o cenário local, a economia informal, faz com que as pessoas usufruam do que é delas”.





“FORRÓ NÃO É SÓ EM JUNHO”

Segundo Bob, muitas pessoas ainda restringem o forró ao mês de junho, e isso também dificulta a produção dos artistas locais. “Quando monto meus projetos culturais, penso sempre nos problemas que a cultura está passando, e eu vejo esse tipo de pensamento como um problema. É um erro achar que o forró deve ser atrelado a apenas um mês do ano, ele está muito acima disso. O forró tem o poder de chegar até o ouvinte de maneira direta, e através dele você pode falar sobre religiosidade, cultura, culinária, costumes, dentre tantas outras coisas. Acho um desperdício utilizar o forró como meio de acesso a tudo isso somente em junho”, pensa.

Como parte disto, estão as grandes fes-

tas que geralmente ocorrem somente no meio do ano, deixando o artista e público quase que órfãos desse tipo de manifestação cultural. “Esses grandes palcos nem sempre estão a serviço do artista que está aqui. Esse tipo de coisa não forma público, pelo contrário, deixa ele distante. Não é que esse tipo de evento tenha que deixar de existir, o que precisa é estender para o restante do ano”.

Apesar da vontade do músico, manter o projeto em atividade, sem apoio financeiro da iniciativa pública ou privada, segundo ele, não tem sido fácil. “Gostaria que enxergassem o que eu e que muita gente vê a algum tempo, que movimentar a cultura local gera renda. Queria que enxergassem a quantidade de artistas locais que são bons no que fazem e merecem ter visibilidade, seja se apresentando através da vitrine que é a Rural do Forró na Cinelândia, ou em qualquer outro local da nossa cidade”, lamentou.





fotos: Ana Maria Ramos



SOM DE CALÇADA

Se os “Ensaio da Rural” ainda buscam ser consolidados, outro projeto de cultura e arte já faz parte do cenário da Praia da Cinelândia desde 2013. Misturando artistas de diversos gêneros musicais, funcionando também de forma colaborativa, o Som de Calçada reúne dezenas de pessoas que buscam aproveitar uma boa música no fim de tarde e início da noite dos domingos.

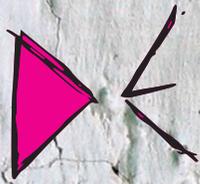
Liderado atualmente por Luiz Fernando Araújo e Wesley Augusto Nascimento, o Som de Calçada é mantido por meio da colaboração do próprio público. “Nós passamos o chapéu e cada um vai contribuindo com o que pode”, explicou Wesley.

Com público composto por pessoas de todas as idades, cores e classes, o evento, segundo Wesley, ainda é visualizado por muitos como algo marginalizado. “Gostaríamos que a população não taxasse o Som de Calçada como um movimento marginalizado como está sendo feito por

ser um evento alternativo. Existem várias famílias, pessoas de todas as idades que participam do nosso evento, porque aqui temos cultura, e é isso que queremos mostrar”.

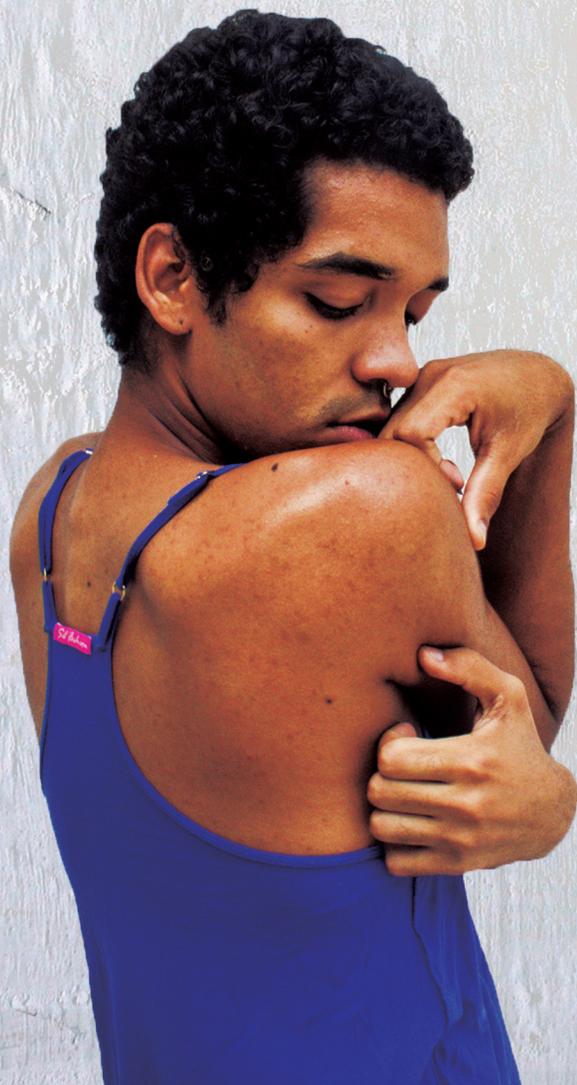
Para ele, a Cinelândia possui um grande potencial a ser explorado enquanto ponto para movimentação cultural, porém, acredita que isso depende da iniciativa dos artistas e do apoio que estes receberão do público e das instituições. “Queremos que a Praia da Cinelândia se torne algo como o Largo da Batata em São Paulo e o Rio Vermelho na Bahia. Penso que para isso os artistas, os coletivos de cultura deveriam se unir mais. O Bob Lelis trouxe um projeto que ficou aqui por um mês, seria interessante que outros artistas comesçassem a ocupar esse espaço para justamente fazer desse local um ponto de cultura”. **C**

INVENÇÃO



QUATROS

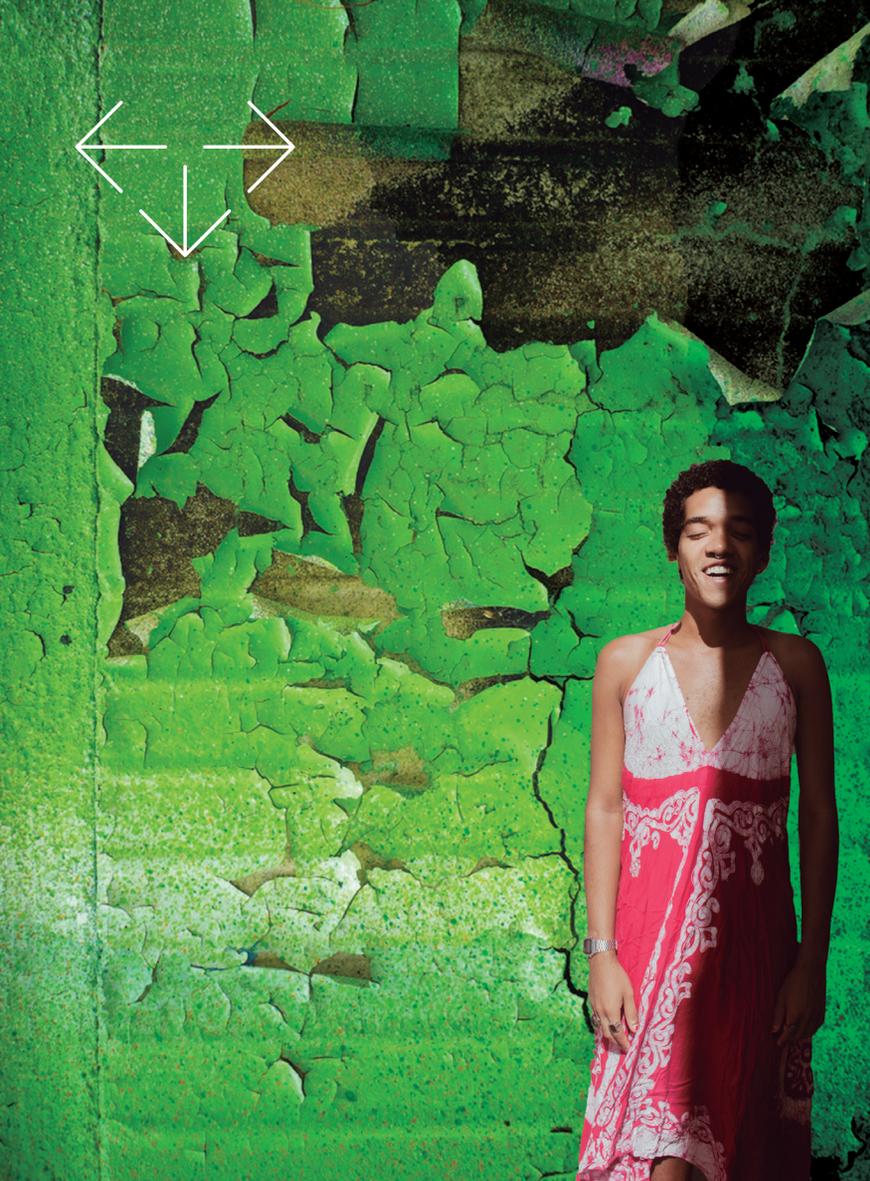
Texto e fotos por
Matheus Brito



Depois de lidar com clientes de várias classes sociais e agressões físicas numa noite, um grupo de travestis inicia o dia numa roda do sagrado feminino na qual busca bem-estar e ancestralidade. Comum entre mulheres de classe média, esta roda é marcada pela oposição à lógica falocêntrica — nela as travestis cantam e repetem “Eu tô correndo de homem”. As cenas em questão fazem parte do curta-metragem da atriz e cantora Linn da Quebrada, “blasFêmea”, que provoca discussões a respeito de religião, identidade de gênero, masculinidade e feminilidade, prostituição e afeto.

“Quando eu vi que a Linn fez essa vivência, com dança, com chamego, com banho de ervas, com cheiro e abraço, com autocuidado, ela colocou em xeque, na sua própria arte, a blasfêmia, a fêmea que blasfema”, diz a psicóloga social e estudante de Teatro, Lili Drapala. Independentemente da roda do sagrado feminino, as últimas cenas do curta-metragem correspondem às práticas corriqueiras na vida de travestis e transexuais, que precisam construir redes de apoio com mais intensidade que outros grupos da comunidade LGBTQ+.

A fundadora da CasAmor e mestranda em Educação, Linda Brasil, compreende cada aspecto da marginalização que a população trans encara. Na Itália entre 2003 e 2008, Linda não só acelerou o processo de transexualização, mas também vivenciou uma rotina de maus-tratos, perseguições e ameaças. É a parte da própria história da qual ela quer mais desapegar. Lá, pôde incluir a prótese mamária no primeiro ano. “A mama é uma responsabilidade”, afirma Linda, pensando nas consequências da cirurgia. Isso era um desejo antigo e, ao mesmo tempo, uma necessidade para se incluir no padrão de feminilidade exigido.



Naquela época, Linda ainda não diferenciava o que era pressão estética externa e o que era desejo pessoal. Quando colocou as próteses, ela repensou a necessidade da cirurgia de redesignação sexual. Na década passada, a organização e as prioridades da comunidade LGBTQ eram outras — a sigla mais comum, por exemplo, era GLS (gays, lésbicas e simpatizantes); a sigla LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, trans e queer) surgiu anos mais tarde como resultado de disputas e demandas internas.

Fruto de intolerância e exclusão sistemáticas, a marginalização da comunidade LGBTQ afeta, em maior intensidade, mulheres, negros e negras, transexuais e travestis. É impossível criar um parâmetro que meça quem sofre mais. No entanto, dados podem apontar quais grupos são mais ameaçados. O Grupo Gay da Bahia, que cataloga há quatro décadas estatísticas de assassinatos de LGBTQs, registrou um aumento de 30% dos casos entre 2016 e 2017: os números subiram de 343 para 445. Das mais de quatrocentas vítimas de 2017, 194 eram gays, 191 travestis e transexuais, 43 lésbicas, 5 bissexuais e 12 heterossexuais que se envolveram com a comunidade.

Já a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) registrou 179 assassinatos de travestis e transexuais em 2017 — uma pessoa a cada 48h. O assassinato de pessoas LGBTQs pode ter um nível alto de subnotificação, já que não existem estatísticas oficiais. “São corpos marginalizados em suas especificidades”, reflete a estudante de Teatro Júnia Fernandes. A violência impõe desafios para a sopa de letrinhas que edifica o grupo: reinventar a existência, a linguagem, as lutas, os espaços físicos e os espaços subjetivos de acolhimento e, inclusive, criar tecnologias sociais para diminuir danos.



“Externalizar já combate de algum forma. Quando você fala, reflete sobre o que passa. Quando você internaliza, isso acaba lhe machucando”



— Chrisley Luiz

Contar pra quem?

“Eu descobri que era gay com 14 anos. Os meninos da minha turma viviam me chamando de viado o tempo todo. Naquela época eu negava com todas as minhas forças! Eu não sabia o que era ser gay, nem nunca tinha tido atração por ninguém”, relata um anônimo no site do “Projeto Conte” (www.projetoconte.com.br). Criado pelo designer Chrisley Luiz Santana, a plataforma reúne histórias de pessoas LGBTQs sobre a descoberta, a infância e a adolescência, a relação familiar, os desejos e os desafetos.

O criador se inspirou na própria experiência e em questões sobre sexualidade, gênero e racismo para criar o site. A negação da sexualidade o reprimiu até o início da vida adulta. “Eu lutava contra a pessoa que eu era, tentando me moldar ao que a sociedade e ao que a família esperavam de mim”, afirma. O projeto, que foi trabalho de conclusão de curso em Design Gráfico pela UFS (Universidade Federal de Sergipe), também se desdobra em eventos e intervenções urbanas.

Membros da comunidade podem se identificar ou não na hora de publicar o relato. Para escrever não precisa se cadastrar; enquadrar-se em alguma letra e incluir hashtags são as únicas exigências. “Externalizar já combate de algum forma. Quando você fala, reflete sobre o que passa. Quando você internaliza, isso acaba lhe machucando”, diz Chrisley. Em longo prazo, o Projeto Conte quer se tornar uma base de dados que sirva para identificar pontos em comum e distantes dos grupos.

Escrever e falar de experiências traumáticas são tarefas difíceis, mas se tornam necessárias para evolução individual, diz a psicóloga e criadora do projeto Remonta, Marcela Carvalho. Quando o indivíduo não expressa nem divide o que sente, pode sofrer uma somatização, que é a manifestação física de conflitos psicológicos.

“tinha que fingir ser quem eu não era”

não

“Fui chamado de aberração, amaldiçoado”

vamos

“Não quero que você pise mais na minha casa”

“só queria viver e a cada dia me sufocava mais”

viver

“preferiria ter um filho bandido do que um filho viado”

com

“aos prantos, respondi: não escolhi ser assim”

“luto por igualdade de direitos e respeito incondicional”

medo



“Creio que o compartilhamento de experiências pode gerar bem-estar não só para quem fala, aliviando, de certa forma, as dores existentes, mas também pode ajudar – e muito – quem escuta”, avalia a psicóloga.

“Remonta”, projeto lançado em meios ao último período eleitoral, disponibiliza atendimento psicossocial para a comunidade LGBTQ, promove debates e rodas de conversa e realiza supervisões clínicas para estudantes e profissionais de Psicologia. De acordo com Marcela Carvalho, o projeto foi pensado para pessoas que são expulsas de casa e não conseguem custear o valor de uma psicoterapia. “Minha expectativa é que o público LGBTQ de Aracaju saiba da existência de um projeto que foi criado com muito amor e seriedade para acolher e acompanhar terapeuticamente cada pessoa”, afirma.

A vida pessoal também foi lampejo para Marcela, que, aos 18 anos, foi expulsa de casa por causa da orientação sexual. “Vivenciei a dor física e psicológica, fui ameaçada de diversas formas por, simplesmente, ser humana”, lembra. Mestre em Psicologia Social pela UFS, ela coordenou durante quatro anos o grupo de trabalho “Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual” do Conselho Regional de Psicologia de Sergipe. No grupo, ela se articulou com movimentos sociais, ONGs, estudantes e profissionais.

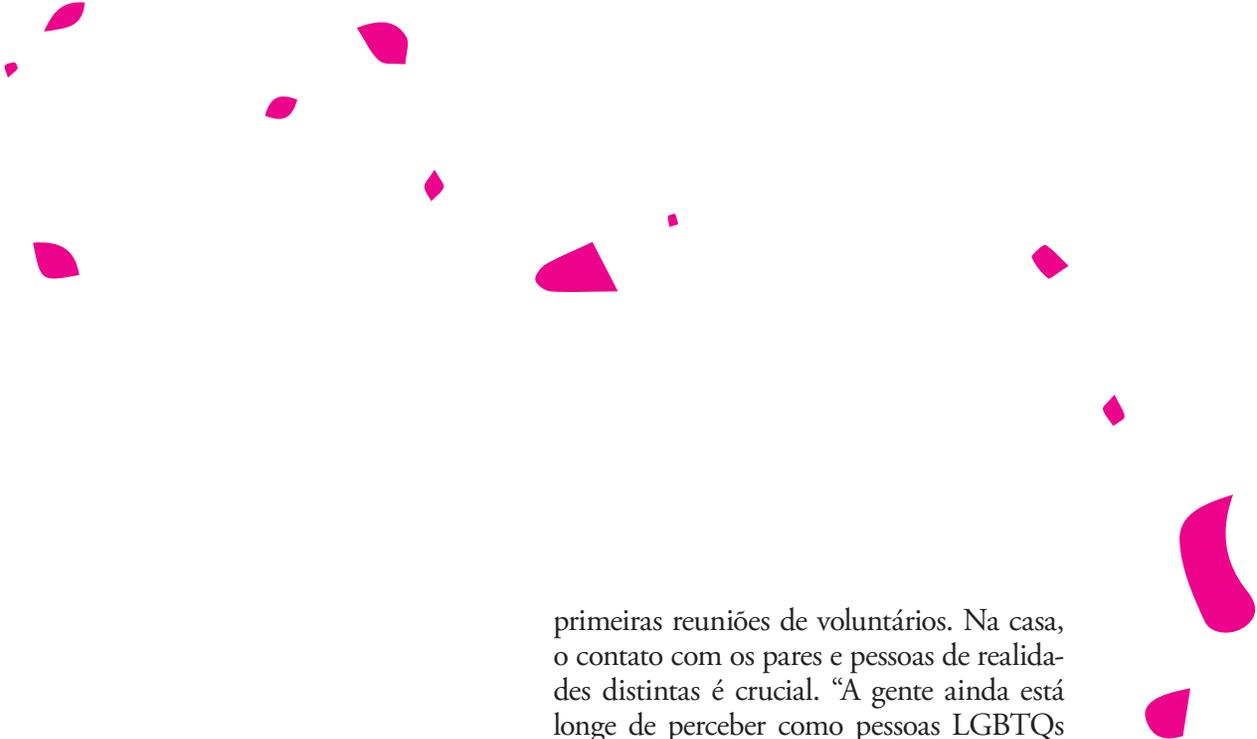
O nome “Remonta” pode provocar a memória de alguns. O ato de se remontar é tanto simbólico quanto literal para quem foi expulso de casa ou sofre retaliações em

outros espaços. Para Marcela, foi o título do álbum de Liniker e os Caramelows que inspirou o nome do projeto. “Liniker passou pelo processo de transição durante o seu sucesso, discutindo questões de gênero, corpo, sexualidade e racismo nas entrevistas”, comenta a psicóloga sobre a vocalista transexual do grupo. Na letra da música homônima ao projeto e ao álbum, Liniker não quer mais saber de “desamor”.

vidas insurgentes

Se existisse uma casa de acolhimento para a comunidade, a psicóloga Marcela Carvalho talvez tivesse uma história diferente para contar, sem excluir os méritos. A primeira casa de acolhimento para LGBTQs no Nordeste, a CasAmor, foi inaugurada num simbólico 29 de janeiro (Dia da Visibilidade Trans), em 2018. Nesse mesmo dia em 2004, travestis, mulheres trans e homens trans ocupavam o Congresso Nacional para lançar a campanha “Travesti e Respeito”, do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde. Catorze anos depois, Linda Brasil e voluntários iniciaram as atividades da casa em que hoje a comunidade pode se abrigar. “A existência da CasAmor já contribui para que um pai repense a conduta com um filho”, acredita a fundadora.

Não importa só o abrigo temporário, mas também o apoio jurídico e psicossocial e as atividades culturais da CasAmor, nome escolhido em enquete online logo após as



primeiras reuniões de voluntários. Na casa, o contato com os pares e pessoas de realidades distintas é crucial. “A gente ainda está longe de perceber como pessoas LGBTQs são excluídas e marginalizadas”, afirma Linda. Reuniões e atividades, como encontros para retificar nome e gênero de travestis e transexuais, fazem parte da programação.

Desde o ano que retornou ao país, Linda já trabalhou como cabeleireira — função na qual várias travestis e mulheres trans se refugiam —, formou-se no curso de licenciatura em Letras Português-Francês, iniciou o mestrado em Educação e participou de duas disputas eleitorais — como candidata a vereadora, em 2016, e como candidata a deputada estadual, em 2018. As conquistas de Linda, de 45 anos, contrariam as perdas sistemáticas que pessoas trans sofrem, inclusive em relação à expectativa de vida.

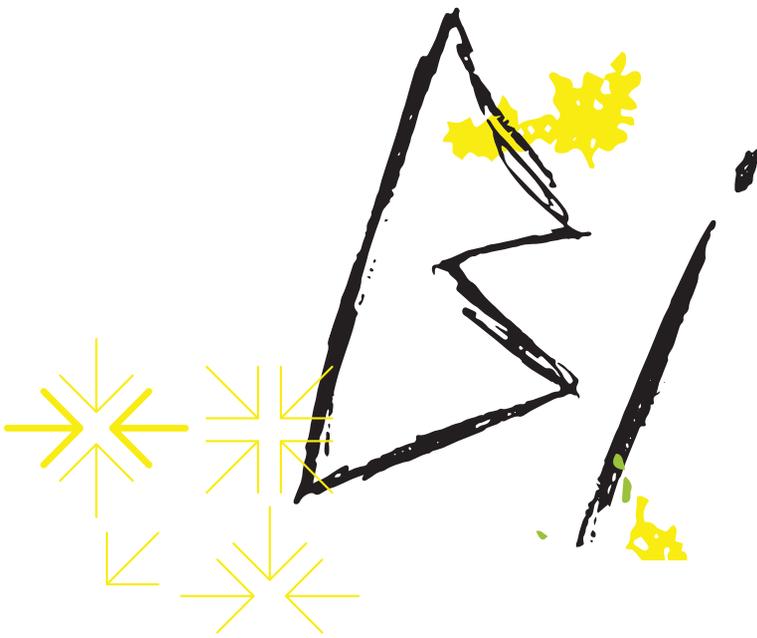
De acordo com uma pesquisa do psicólogo Pedro Sammarco, autor do livro *Travestis envelhecem?*, a comunidade trans vive em média 35 anos no Brasil. Para a população cissexual — isto é, as pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo biológico —, a média nacional é 75 anos, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Um ponto para entender a baixa expectativa de vida da população é a prostituição — saída para a exclusão



TRAVKSTY





do convívio familiar, mercado de trabalho e escola. “É o autônomo à máxima potência, porque, se você não trabalha, você perde o cliente”, avalia a psicóloga Lili Drapala. O fato de ser uma empreendedora do próprio corpo implica a impossibilidade da travesti esmorecer ou desistir. A vida, afirma a psicóloga, está em jogo em relação ao lugar que a travesti ocupa na sociedade e à existência subjetiva. Não basta ser uma vencedora, a travesti precisa ser uma vencedora “bafônica”.

Pouco a pouco, diz a psicóloga, o universo trans se tornou o mais confortável para ela circular em meio à comunidade LGBTQ. “Eu fui entendendo que as travestis foram meu portal de inspiração para reconhecer a comunidade LGBTQ como meu espaço de trabalho, não só de existência”, lembra. O poder de invenção e reinvenção das travestis, para Lili Drapala, mobiliza investigações, leituras e especulações sobre corpo e liberdade.

bixa travesty

Criada para uma disciplina de Linguagem Audiovisual numa faculdade de Publicidade e Propaganda, a série “GLOS-SÁRIO”, do cearense Fabinho Vieira, proliferou-se no início desta década entre jovens que queriam conhecer as palavras

secretas e nem tão secretas das travestis. Ninguém cita o Pajubá nos vídeos, mas boa parte das expressões — aqué, amapô, acquenda, dar a Elza, otim e picuman — faz parte do dialeto que, conforme questão do Enem 2018, ganhou o status quando foi parar em registros formais, extrapolando a oralidade.

O ato de se comunicar apenas entre pares pode ser uma demonstração de luta e emancipação. “Em cada grupo, nós encontramos formas singulares de expressões da linguagem. Assim, as gírias nascem como uma possibilidade de demarcação ou afirmação”, afirma a psicóloga Marcela Carvalho.

A questão do Exame Nacional do Ensino Médio sobre o dialeto usou como referência a dissertação de mestrado em Letras de Renato Régis Barroso pela Universidade do Estado de Amazonas (UEA), “Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBTQ”. Junção de palavras populares do Candomblé e da comunidade LGBTQ, Pajubá também é o nome do primeiro álbum de Linn da Quebrada, cujos versos revelam episódios cotidianos, modos de vida e subjetividades de travestis.

Linn da Quebrada, a “terrorista de gênero”, é responsável por desnaturalizar a cisgeneridade e revelar incômodos. “Quando ela foi traçar uma travestilidade, passou pelos mesmos processos que



passei”, revela a estudante Júnia Fernandes, pensando na influência da artista nas inquietações que adquiriu. Antes de Linn, Júnia compreendia o corpo como o de um homem gay cissexual negro, ou melhor dizendo, como uma bixa preta, condição com a qual Linn também se reconheceu.

Por entender que a travestilidade incorpora símbolos femininos e masculinos, Júnia não aderiu ao perfil e padrão de feminilidade exigido de travestis. “Por que o que foi moldado e o que se espera de um corpo de travesti não se atrela ao meu corpo, sabe?”, afirma. *Bixa travesty*, título de uma música de Linn da Quebrada, é a categoria com a qual Júnia mais se sente confortável hoje. “O nome se encaixa melhor”, comenta ela, depois de falar bixa travesty três vezes seguidas.

No Brasil, segundo Lili Drapala, a travesti está associada a um terceiro gênero, já que, diferente de homens e mulheres trans, ela não se encaixa na binaridade. “E não é a fusão disso [homem e mulher], é uma invenção”, comenta a psicóloga. Frases como “eu sou mulher de peito e pau”, aponta Lili, demonstram que elas não precisam necessariamente fazer uma incursão cirúrgica e retirar o órgão masculinizador.

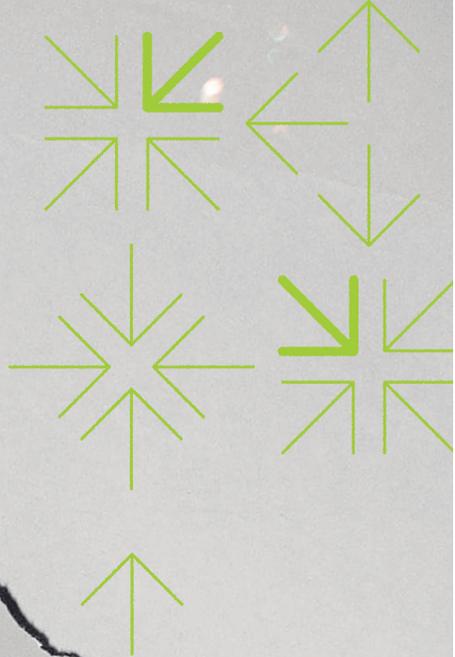
“Aquendar”, termo usado por travestis e transexuais para indicar o ato de encobrir o órgão sexual, torna-se tanto um “truque” quanto uma tecnologia so-

cial. O artifício pode ser entendido como uma forma de “redução de danos”, uma vez que, para ser aceita como tal, a travesti precisa se adequar ao padrão de feminilidade exigido de mulheres cisgêneros. “A sociedade também olha para a travesti reduzindo para uma coisa simplória: um homem que se veste de mulher, e não é isso; [a travesti] é um modo de ver, é um modo de sentir, é um modo de acreditar”, revela Lili.

Sem se submeter a padrões de consumo e estéticos, Júnia Fernandes traça um processo de travestilidade único. A mudança do nome, por exemplo, não é algo urgente. Não é um incômodo para ela, exceto quando se lembra do pai, de quem herdou, sobretudo, o abandono. Depois de revelar para a mãe o processo de travestilidade, Júnia espera ser batizada mais uma vez. “Se você tivesse uma filha, qual seria o nome?”, foi a pergunta que fez à mãe.

antropofágicas

A invenção de um dialeto e a reinvenção do corpo podem garantir à travesti um caráter antropofágico na medida em que ela nega, entre outras coisas, uma provável colonização por meio do uso dos termos *trans woman* (mulher transexual) ou *transgender* (transgênero) e invocam uma identidade local, brasileira e latino-ameri-



TRANS

cana. “É uma forma de ser e brincar com conceitos que são nossos e são experiências artísticas”, afirma Lili. Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, líderes do movimento antropofágico, não imaginariam que, depois de quase 100 anos, a insubordinação de travestis pudesse ressignificar o movimento.

Para Júnia Fernandes, a associação da travesti à antropofagia não deve ser acadêmica, já que este não é um espaço no qual corpos de travestis e transexuais podem se sentir livres. O ritmo de produção acadêmico pode tornar os corpos um elemento alheio e estranho para os próprios donos. “Na academia, a gente não tem uma sensibilidade sobre nosso corpo, porque a todo instante temos outras demandas que ultrapassam nosso processo de transição”, afirma.

No entanto, diz ela, a travestilidade e antropofagia se encontram na medida em que coincidem em reinvenção. “Por que não posso dizer que percorro um processo artístico também?”, questiona. Neste caso, para ela, não é transformar a travesti num objeto de uma produção artística, mas usar métodos artísticos para pensar em si mesma, incluindo paciência, inquietação e refutação.

Os processos de travestilidade, para Júnia, não podem ser higienizados nem embranquecidos, especialmente quando ocorrem em espaços periféricos, nos quais

o padrão de transexualidade e feminilidade parecem inalcançáveis. “As travestis não se consideram trans porque na periferia foi dito e ensinado que para ser trans você precisa, por exemplo, fazer redesignação sexual”, explica.

Em vários casos, um padrão de transexualidade, que contemple hormônios e cirurgias, pode incutir as exigências de feminilidade que são aplicadas às mulheres cisgêneros. “Dizem que pra ser mulher tem que estar com as unhas pintadas, tem que ser feminina”, afirma Linda Brasil. Na década de 1990, segundo ela, só era travesti quem possuía silicone. De acordo com Lili Drapala, as cobranças de feminilidade em corpos transexuais devem influenciar o mercado da Moda e a alta-costura, a indústria de calçados, a indústria farmacêutica, a indústria alimentícia, etc.

umas com as outras

Estratégia recorrente na comunidade, LGBTQs reverterem termos pejorativos e situações adversas em benefício próprio. A sapatão, afirma Lili, é um exemplo de sobrevivência. Alguns relatos indicam que mulheres se masculinizaram para evitar agressões. “Uma mulher sair em determinada hora da noite, independente de sua orientação sexual e identidade de gênero e lugar no Brasil, é arriscado”, afirma.



Outras mulheres lésbicas recusam o título de masculinizadas, porque entendem que nem todos os desvios do padrão de feminilidade — docilidade e condescendência — indicam androcentrismo, que é a supervalorização da ideia do masculino. Enquanto algumas mulheres lésbicas e bissexuais podem assimilar o perfil de “mulherzinha”, indica Lili, outras podem ser agressivas, sérias, sisudas e ousadas. O último caso, ela acredita, pode refletir mais uma busca por “redução de danos” das violências.

Na atuação como psicóloga, Lili Drapala identificou um grau de depressão generalizado na comunidade de mulheres lésbicas, conhecendo casos de meninas que foram vítimas de estupro corretivos no convívio familiar, comunitário e escolar. Nesse caso, também não existem estatísticas oficiais, o que dificulta o entendimento sobre o problema e o desenvolvimento de políticas públicas. Porém, já houve tentativas do Ministério da Saúde em reunir dados do Disque 180 e SUS (Sistema Único de Saúde). Lésbicas e bissexuais, diz Lili, formam o grupo com menor reconhecimento social entre LGBTQs por causa de silenciamentos e dificuldade de autorreconhecimento.

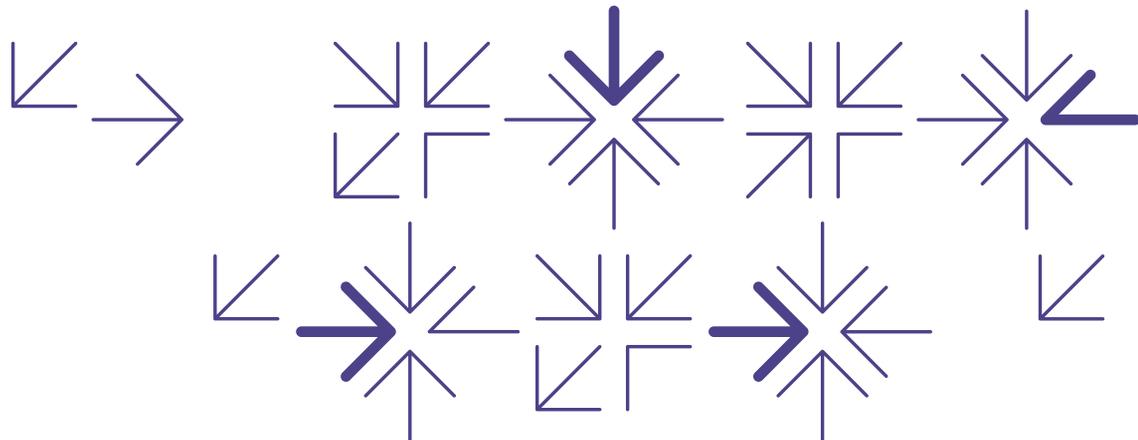
Papéis de gênero que homens e mulheres ocupam podem influenciar até os relacionamentos de mulheres lésbicas e bissexuais. Diferente do homem que foi criado para assumir riscos, elas podem levar mais tempo que gays pa-

ra encarar uma paquera ou uma relação duradoura, afirma Lili. No caso dos homens gays, as relações iniciam tão rápidas quanto terminam.

Outro ponto de discussão comum é o abandono afetivo de travestis e mulheres transexuais. Apesar de liderarem rankings de buscas no RedTube — segundo relatório do site de pornografia, quem é brasileiro tem 89% de chances de pesquisar as palavras travestis e transexuais —, elas não se envolvem em relações públicas com frequência.

A cerimônia de casamento coletivo preparada no final de 2018 pela CasAmor pode revelar isso: não houve registros de travestis e mulheres transexuais entre os 18 casais; por outro lado, homens trans estavam presentes em seis casais. Os casamentos foram planejados logo após Jair Messias Bolsonaro ser eleito presidente, uma vez que, em campanha, ele rerepresentou uma ameaça direta e indireta para os direitos LGBTQs. Depois da posse, o presidente excluiu LGBTQs das diretrizes do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (antigo Ministério dos Direitos Humanos) por meio da Medida Provisória 870/19.

Segundo Linda Brasil, a objetificação de travestis e mulheres trans pode ser uma explicação. Antes da transição, por exemplo, ela manteve relações duradouras, o que acabou há vinte anos. “Muitas acatam relacionamentos às escondidas, como eu já fiz. Sinto que é um desafio es-



tar com uma travesti”, desabafa. Debater a afetividade, acredita Linda, é mais fácil do ponto de vista de homens transexuais, algo que foi retratado em escala nacional, por exemplo, na telenovela “A Força do Querer” (2017), da Rede Globo. Enquanto isso, a mídia ainda as trata como corpos estranhos e avessos a desejos, afirma Linda Brasil.

O cenário faz com que travestis e mulheres transexuais abdicuem de questões afetivas, buscando acolhimento em amigas mais próximas ou na história das mais velhas. As amigas travestis e figuras históricas, como Marsha P. Johnson, mulher transexual negra e líder da revolta de Stonewall, em Nova York, Estados Unidos, são referências diárias para Júnia Fernandes. “Quem está correndo com nossos corpos? A conclusão é que somos nós mesmas”.

corpos libertários

As respostas já não importam tanto para Júnia. Ela prefere imergir no próprio processo de travestilidade em busca de autoconhecimento e autocuidado. “Eu prefiro cuidar mais da minha saúde mental do que qualquer outra coisa, porque, quando saímos na rua, nos é cobrado muito”, sintetiza. Mesmo assim, ela não se desapega de uma convicção: ser o alvo. Os meios que possui para enfrentar isso é continuar como ela mesma, travesti, bixa travesty, negra e periférica.

O corpo se destaca num cenário em que espaços e oportunidades de fala são escassos. “Nosso corpo fala primeiro que nossa boca”, reconhece Júnia. No caso de uma bixa travesty, cujo corpo estranho verbaliza mais que a voz, os limites são evidentes. “Quando eu boto meu corpo para jogo, tem uma rápida recepção socialmente”.

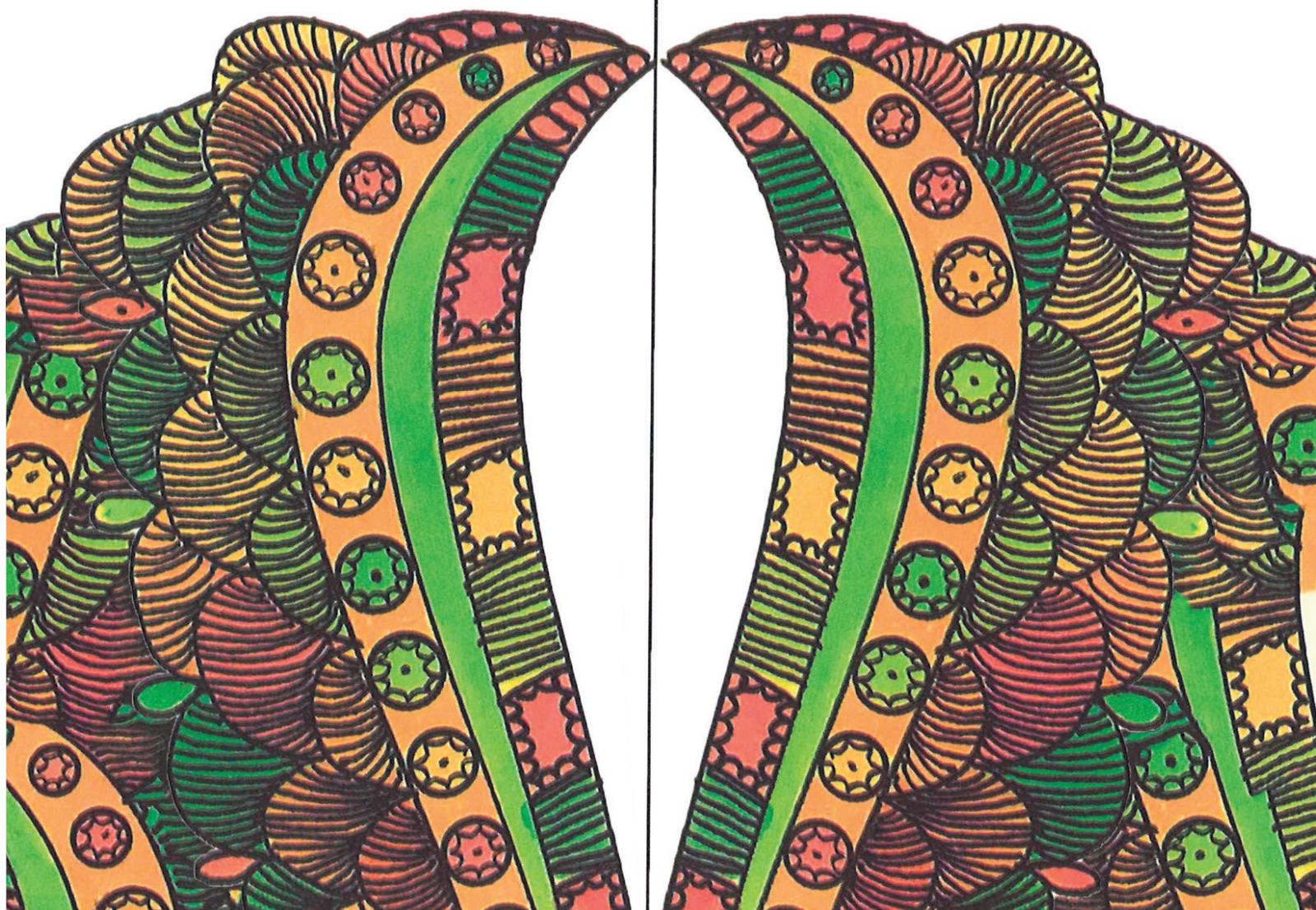
A criação de um jeito de ser da travesti — no corpo e na fala — subverte, inclusive, o sistema linguístico estabelecido. Segundo a psicóloga Lili Drapala, nosso sistema determina, por exemplo, o que é ser homem e mulher, bonito e feio, perfume e odor. Quando nascemos, isso já está aqui. No entanto, a linguagem é cerceada na mesma medida em que cerceia, diz ela.

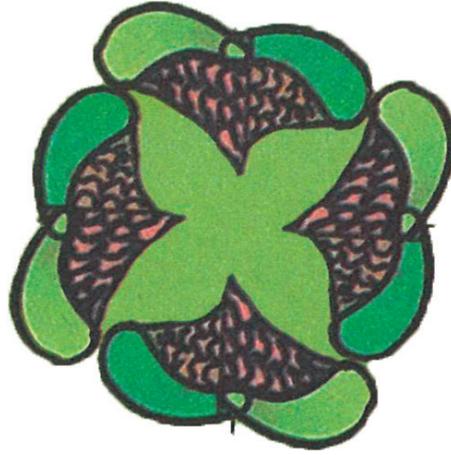
“A língua é apreender possibilidades, apreender múltiplas possibilidades de um corpo, de um objeto, de um afeto, para além do que já está estabelecido”, afirma Lili. Uma travesti que decide não fazer cirurgia de redesignação sexual, um homem trans que retira as mamas e uma mulher lésbica que se apropria do termo “sapatão”, por exemplo, criam novas possibilidades de existência e linguagem. Do mesmo modo, a Júnia Fernandes cria novos modos de vida com o uso de vestido, maquiagem, cabelo curto, postura transgressora e manutenção do nome de batismo — ou não, já que não quer atender às expectativas de feminilidade. “Não esperem nada de mim”. **G**

POESIA

Estácio Bahia

Estácio Bahia Guimarães nasceu em Salvador-BA e é administrador de empresas. Tem título de cidadão aracajuano e sergipano. Participou dos seguintes concursos literários: vencedor do II Concurso de crônicas promovido pela Prefeitura Municipal de Aracaju; vencedor do Concurso Mário Jorge de Poesia promovido pela Funcaju, 2017; Concursos de artes plásticas – teve uma obra selecionada para participar da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas em 1966; teve uma obra selecionada para participar do 1º Salão Esso de Artistas Jovens, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1965; agraciado com a pequena medalha de prata no IV Salão Nacional de Artes Plásticas Genaro de Carvalho, promovido pela União Nacional de Artistas Plásticos (UNAP), 1986.





ILUSÃO

Quando a porta ranger
e no corredor estreito
aparecer uma sombra

Eu gritarei o teu nome
e da cadeira onde descanso
minhas lembranças
estenderei meus braços longos

Mas...
Minhas lágrimas caindo, dirão:
não era ela,
apenas uma ilusão.

MARCA

O calor
dos nossos corpos
ferrou o lençol
com a silhueta
de uma união
perfeita.

MEDITAÇÃO SOLITÁRIA

Noite...
Ouço o silêncio da tua voz
barulho que assusta
e desperta todos os gritos
da solidão

MEU AVÔ

Meu avô tinha um estetoscópio
uns óculos e um avental branco
tinha uma balança de pesar criança:
Meu avô era pediatra
tinha o avental e a alma branca

Meu avô não sujava as mãos
não misturava dinheiro com sofrimento
nem cobrava as lágrimas das mães
que manchavam os tapetes.
Os gestos de meu avô
eram gestos de mãos limpas.

Meu avô escovava os dentes
com o sorriso das crianças
vestia o terno branco
no seu corpo de adulto
colocava os óculos bifocais
no seu rosto de decência

Um dia ele se foi...

Deixou o avental branco
mas levou sua alma limpa.
Ficaram os óculos bifocais
mas levou sua decência.
Os lábios estavam inertes
mas levou brilhando o sorriso
como se nele brilhasse
os sorrisos de todos os santos
e dos anjos querubins.

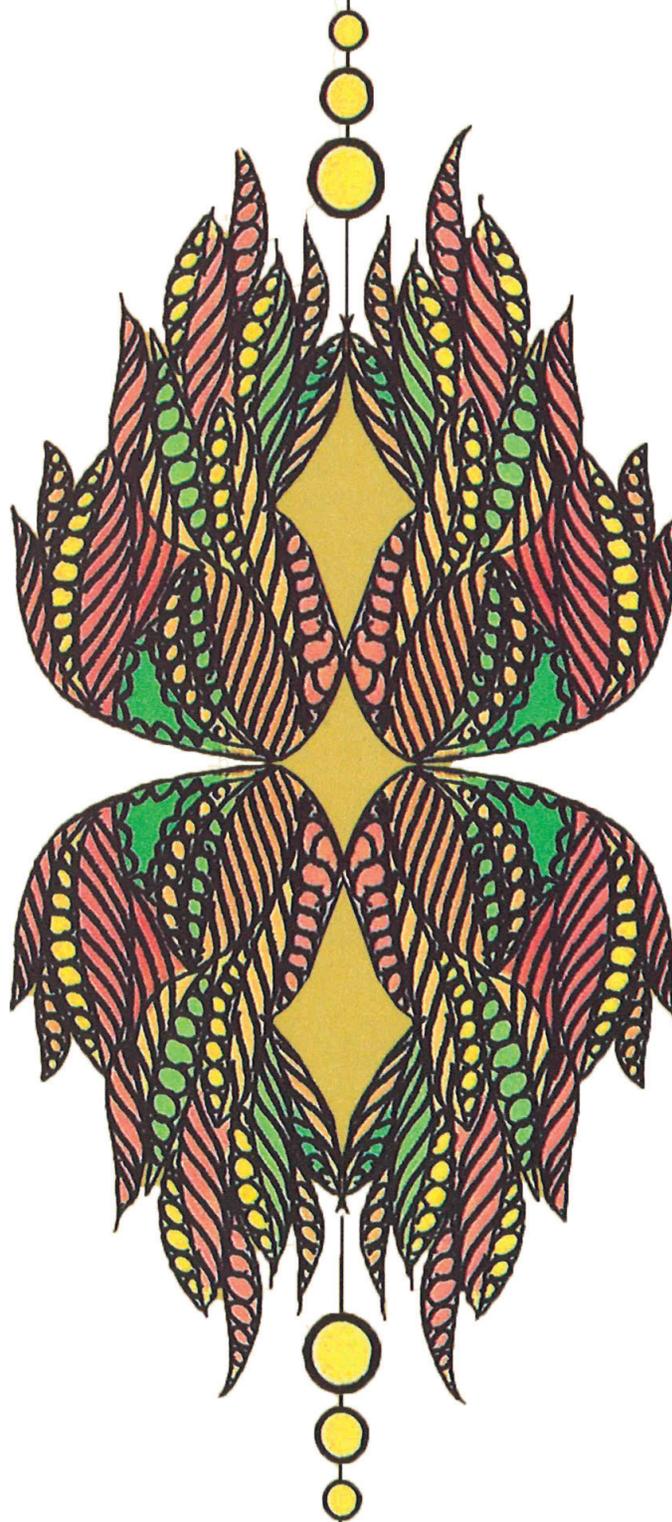
SINOS

Os sinos dobram nas igrejas
e o dia tenso presente seu fim.

Os restos de crepúsculo
se perdem no horizonte
e as orações dos penitentes
atormentam os santos

No meu altar de saudades
coloco flores, acendo velas
e faço meus pedidos

A lembrança dos olhos dela
chega como dois círios
iluminando o meu templo



CANTIGA DA LUA

A lua deita na calçada
embriagada de luz e prata
iluminando as pedra
adormecidas na madrugada

Portas e janelas
em coro com o vento
quebra o silêncio
das ruas caladas

Passeiam sobre os clarões
vultos desconhecidos
arrastando a solidão
pelo braço

E os homens deitados
nos bancos da praça
sonham com boas notícias
nas suas cobertas de jornal

A noite vai fugindo
sem escutar os gemidos dos sinos
nem os gritos desesperados
das torres solitárias

O orvalho indiferente
vai molhando as mãos da aurora
que aos poucos vai moldando
um sorridente novo dia

DESESPERO

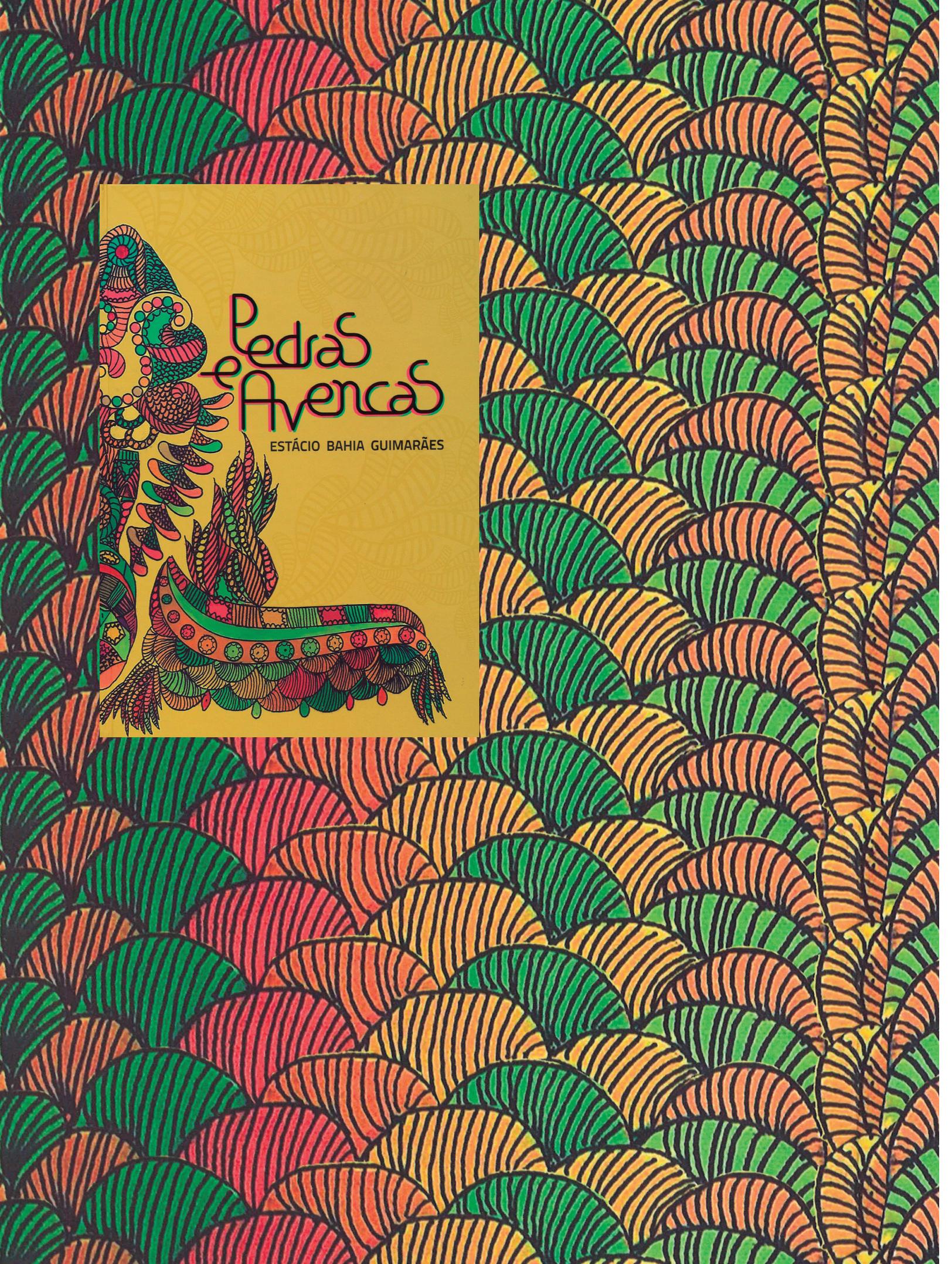
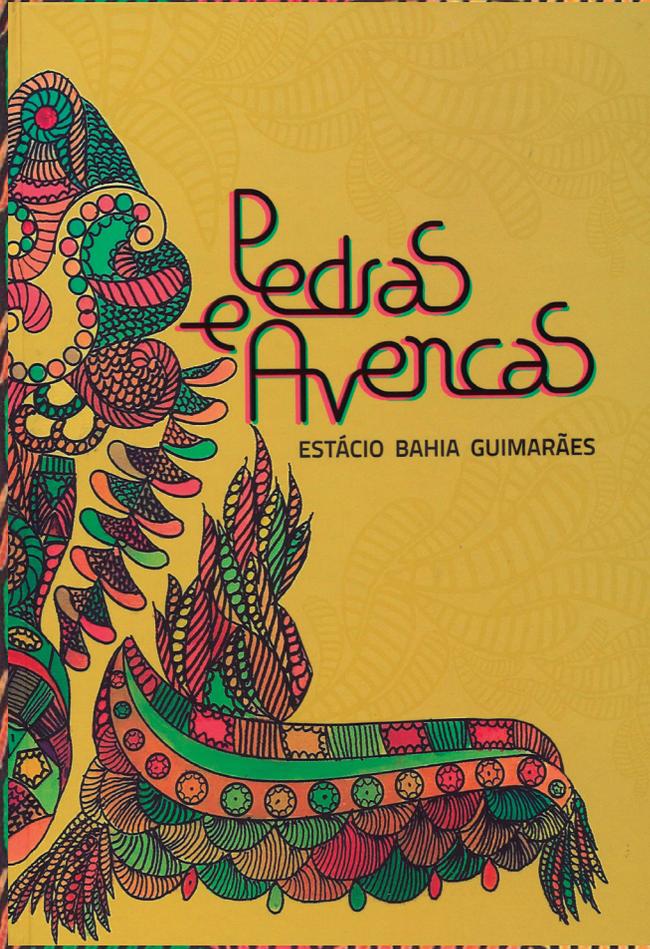
Ela raspou a panela
e com uma concha de caldo
tentou afogar a fome dos filhos

cantou...cantou
num sono
sonhos
Ela cantou...
até adormecê-los
sem

Ela olhou pela fresta da janela
solidão
a lua e a

Ela chorou... chorou... chorou
até o canto do galo abafar o soluço
e o sol enxugar suas lágrimas





LOCAL DE TRABALHO

Sinto em mim
a solidão das mesas vazias
e cadeiras desocupadas.

Tudo falso
falseia meus pensamentos..

O tapete verde
agride a lembrança da relva
de verde verdadeiro.

A brisa fria
fabricada no ar condicionado
esfria o meu ânimo.

Os papéis dormem nos escaninhos
como pássaros cansados

em busca de pouso

Os inúteis, jazem na cesta de papel
escondida sob a mesa
aguardando os serviços funerários
da faxineira.

As lâmpadas fluorescentes
joga seus raios pálidos
trêmulos de medo.

As paredes cinzentas
prendem minha liberdade.
Eu corro para a janela,
arrebento a vidraça.

E pego uma vaga lembrança
de uma brisa amena
que sai dos pulmões do mar
quando ele se enche de água
e vem abraçar a areia.

DESPEDIDA

Quando eu te der
minha última lágrima
a esperança beberá comigo
um cálice de vinho
uma taça de conhaque
e se despedirá das nossas vidas

Depois virão
os passos pesados do tempo
amassar as sobras
dos nossos momentos

Mas...
Eu guardarei as letras do teu nome
para arrumá-las nos meus sonhos



OS 100 ANOS DE NASCIMENTO DE JACKSON DO PANDEIRO E A CONTRIBUIÇÃO DE SERGIPE NA SUA OBRA



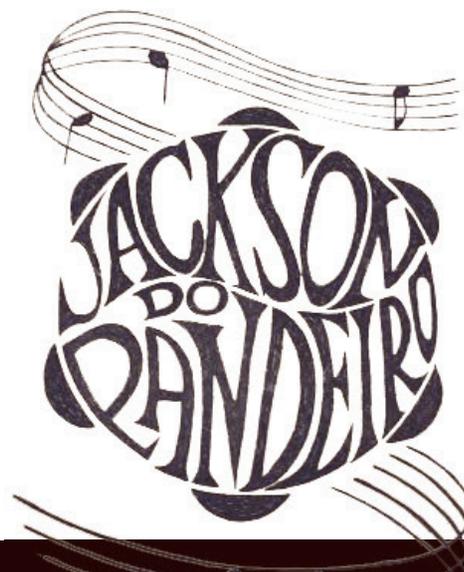
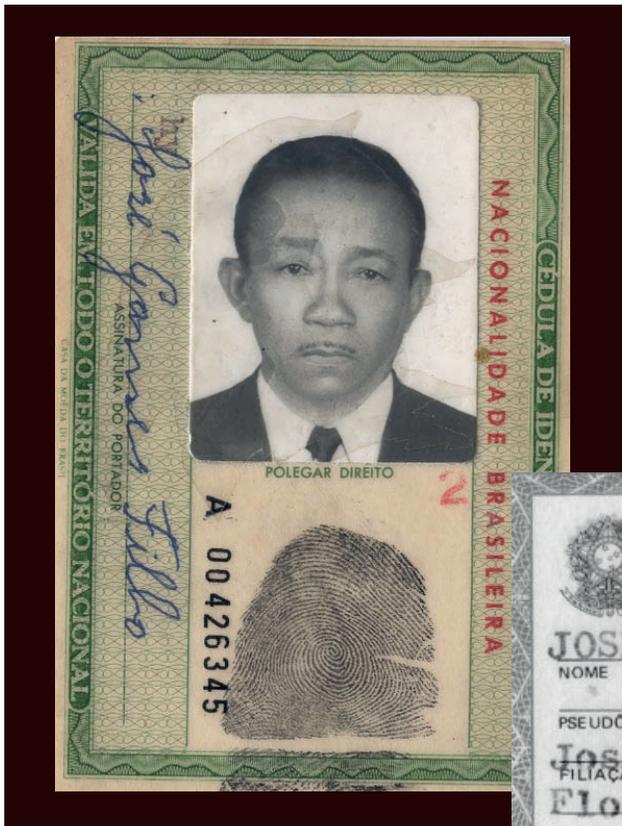
por Paulo Correa



Na pequenina Alagoa Grande, na região do brejo paraibano, nascia José Gomes Filho, em 31 de agosto de 1919, filho da “cantadora” de coco, dona Flora Mourão (Glória Maria da Conceição) e do oleiro José Gomes. Aos oito anos, começou a tocar zabumba e passou a acompanhar sua mãe nas festas de Alagoa Grande. Ele queria tocar sanfona, mas como era um instrumento muito caro, sua mãe lhe deu de presente, um pandeiro. Aos 13 anos, com o falecimento do seu pai,

em 1932, a família decidiu mudar para Campina Grande, onde trabalhou como engraxate e entregador de pão e nas horas vagas na feira de Campina Grande, ouvia os emboladores de coco e repentistas. O menino adorava cinema e os filmes de faroeste, e em especial, o ator Jack Perry. Comprou até um chapelão de palha, um revólver de madeira, para usar nas brincadeiras, onde ganhou o apelido de Jack. Como tocava pandeiro, começou a ser chamado de Jack do Pandeiro.

Em 1936, aos 17 anos, começou a profissionalização na música, primeiro



Ordem dos Músicos do Brasil
Conselho Regional do Estado do Rio de Janeiro
Tem Fé Pública em todo o Território Nacional – Lei Federal nº 3857/60

JOSÉ GOMES FILHO
NOME

Jackson do Pandeiro
PSEUDÔNIMO

José Gomes
FILIAÇÃO

Flora Maria da Conceição
NACIONALIDADE **Brasileira** NASCIDO A **31/08/19**

Compositor
ESPECIALIDADE

Mauro de Souza...
ASSINATURA DA AUTORIDADE COMPETENTE

como baterista de um conjunto musical do Clube Ipiranga e depois como percussionista do grupo.

Em 1939, já com o nome artístico de Jack do Pandeiro, passou a fazer dupla com o irmão mais velho de Genival Lacerda, José Lacerda, se destacando em Campina Grande.

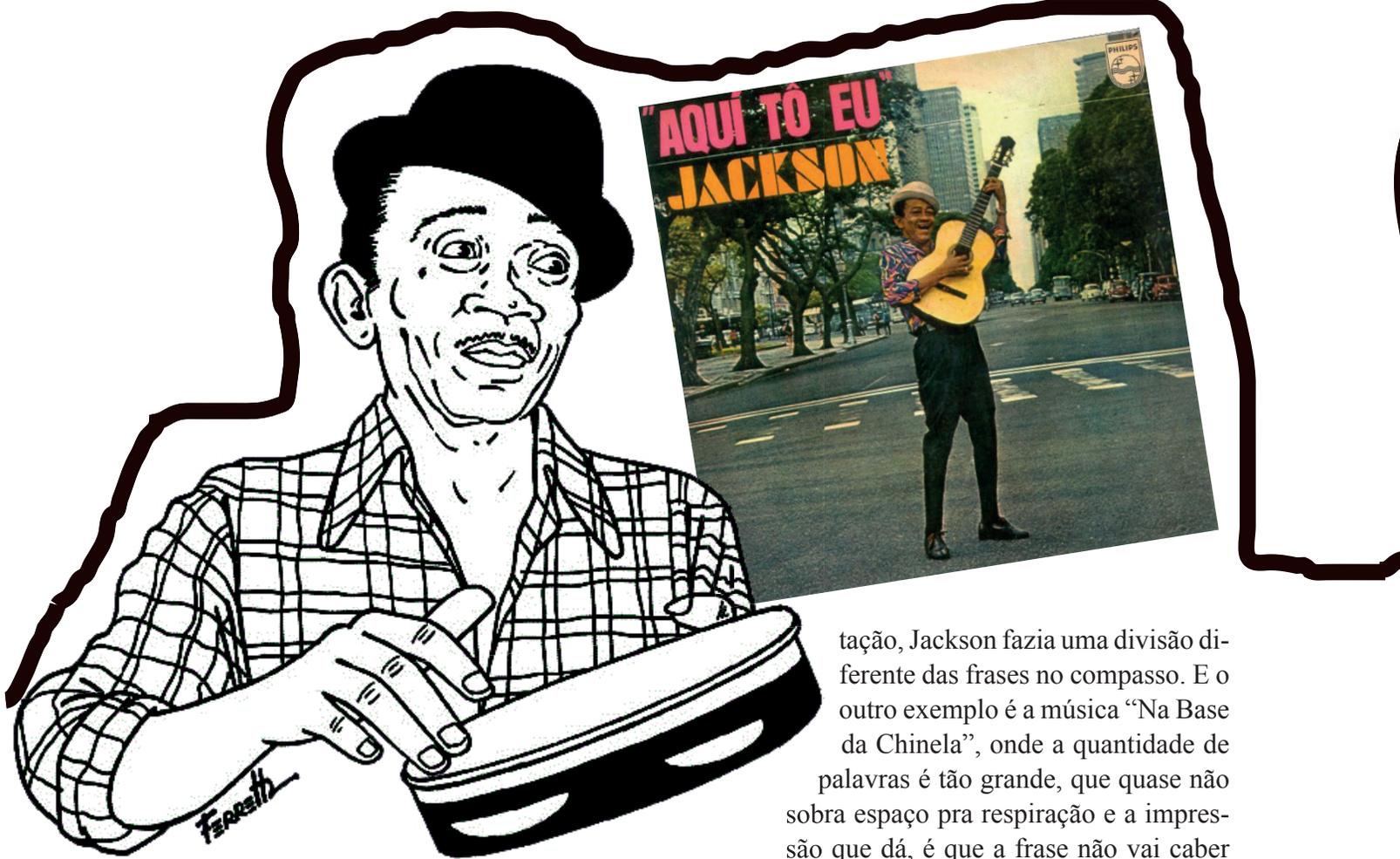
No início dos anos 40, mudou-se para João Pessoa e passou a tocar em cabarés, sendo contratado pela Rádio Tabajara.

Em 1948 surgiu o convite de mudar para o Recife e trabalhar na Rádio Jornal do Comércio, e por sugestão de um diretor da rádio, passou a adotar o nome artístico de Jackson do Pandeiro, por ter uma melhor sonoridade e formou a dupla “Café com Leite”, com o já famoso compositor e apresentador Rosil Cavalcanti.

Em 1953 grava seu primeiro disco pela Copacabana, um 78 rpm, com “Sebastiana”, de autoria de Rosil Cavalcanti e “Forró em Limoeiro”, de Edgar Ferreira.

Foi na rádio Jornal do Comércio que conheceu Almira Castilho, formando com ela uma dupla de muito sucesso no Brasil e com quem se casou em 1956, vivendo com ela até 1967. Depois de doze anos, Jackson e Almira se separaram e ele se casou com a baiana Neuza Flores dos Anjos, com quem viveu até seus últimos dias de vida.

O sucesso da música Sebastiana foi avassalador em todo o Brasil e rendeu a Jackson o convite para fazer parte do

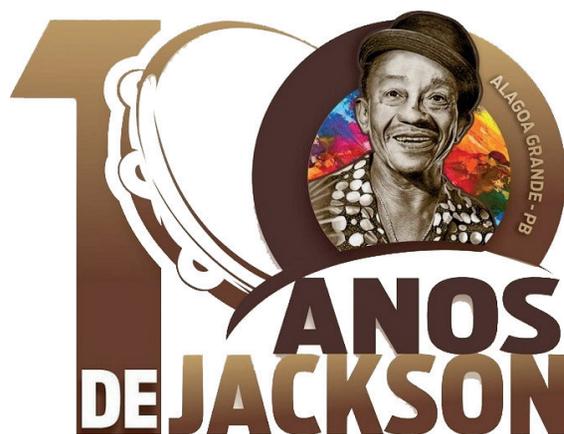


elenco de estrelas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Jackson atingiu o topo das paradas com “Forró em Limoeiro”, “O Canto da Ema”, “Chiclete com Banana”, “Um a Um”, “Cantiga do Sapo”, “Casaca de Couro”, e se tornou o segundo artista mais importante da música nordestina, e assim como Luiz Gonzaga o “Rei do Baião”, Jackson entrou para o reinado como o “Rei do Ritmo”. E esse nome não foi uma escolha aleatória, mas sim, uma constatação da impressionante técnica com que Jackson fazia a divisão das frases no compasso da música. Por esse motivo, Jackson foi aclamado como o maior ritmista da música brasileira. Dois exemplos claros dessa técnica, podem ser observados nas músicas: “Sebastiana”, onde a cada nova interpre-

tação, Jackson fazia uma divisão diferente das frases no compasso. E o outro exemplo é a música “Na Base da Chinela”, onde a quantidade de palavras é tão grande, que quase não sobra espaço pra respiração e a impressão que dá, é que a frase não vai caber no compasso. Esse estilo sincopado e essa técnica de Jackson cantar, influenciou de João Gilberto a Gilberto Gil, de Alceu Valença a Elba Ramalho, de João Bosco a Lenine e Xangai. Além dos seus discípulos Jacinto Silva, Ary Lobo, Biliu de Campina e Silvério Pessoa.

Apesar de não ter aprendido a tocar sanfona, ele foi na prática “Um sanfoneiro de boca”, pois conseguia reproduzir o som daquele instrumento com a boca, para mostrar como queria que os músicos tocassem.





SERGIPE NA OBRA DE JACKSON DO PANDEIRO

Sergipe tem uma importante contribuição na obra de Jackson do Pandeiro. E esse elo atende pelo nome de João Mello.

Primeiro em 1963, quando a composição de João Mello, “Ginga da Mulata”, foi gravada no LP “Forró de Zé Lagoa”. E depois, quando João Mello, assumiu a produção dos discos: LP “Coisas Nossas”, de 1964, com destaques para “Rio Quatrocentão” de Vicente Amar e “Preguiçoso” de Bezerra da Silva e Jackson; LP “São João no Brejo” de 1964 (juntamente com o LP “São João no Brejo nº 2, dois dos melhores discos de Arrasta Pé, da música nordestina), com destaques para “São João no Brejo” de Zé Catraca e “Véspera e Dia de São João” de Jackson e Maruim; LP “E Vamos Nós”

de 1965, com destaques para “O Assunto é Berimbau” de Jackson e Antonio Barros e “Tililingo” de Almirante Castilho; LP “São João no Brejo, nº 2” de 1965, com destaques para “Vamos Chegar pra Lá” de Almirante Castilho e “Meu Fole Velho” de Elinor Julião e Elias Soares; e o LP “Aqui Tô Eu” de 1970, com capa inspirada na famosa faixa de pedestre do disco “Abbey Road” dos Beatles, lançado em 1969. Um dos melhores discos da carreira de Jackson, começando pela música título de Anatalício e José Higinio, que faz menção na letra ao sanfoneiro Raimundinho de Propriá. E traz no repertório com arranjos belíssimos, quatro dos maiores sucessos da carreira de Jackson: “Chiclete com Banana”, “Mulher do Aníbal”, “Sebastiana” e “Canto da Ema”. **C**



Os sebos em Aracaju:

da Livraria Mercúrio

ao

Bonde das Traças

AMOR INCONDICIONAL

Dos personagens da literatura amantes dos livros, mais que *O Livreiro de Kabul*, *A Menina Que Roubava Livros* ou *Os Bibliotecários do Cemitério dos Livros Esquecidos*, de todos esses e outros personagens que têm livros no lugar do coração, desconheço quem os tenha amado tão visceralmente quanto o rato *Firmin*, que nasce numa livraria e aprende a ler enquanto, literalmente, devora livros ouvindo o jazz de Billie Holiday e Charlie Parker. Seu inspirado autor Vic Savage criou nas aventuras e dramas do pequeno roedor uma colcha de retalhos das metáforas que refletem a condição humana na eterna luta pelo que lhe é essencial.

Traduzindo essa paixão incondicional da ficção para carne e ossos, a menina Rivânia, que foi parar numa daquelas fotos que dizem mais de mil palavras: agarrada à sua mochila e de olhos fechados, reza enquanto se equilibra na jangada que a resgata de mais uma enchente do rio Una. Com 8 anos de idade a pernambucana de São José da Coroa Grande deixara pra trás a casa inundada e poucos brinquedos, levando consigo seus livros e uma muda de roupa. Realizada pelo fotógrafo Valter Rodrigues, a foto viralizou e foi explorado pela mídia. A cidade ganhou uma estrada nova e até visita do governador. Rivânia ganhou muitos livros, uma medalha da Defesa Civil concedida pelo Governo Federal, e uma casa nova, doada por uma emissora de TV. Mas a imagem capturada gerou algo muito maior do que isto tudo. A foto e seus atores (enchente, barco, menina, livros) constroem um símbolo de amor ao conhecimento, tornando-se mais significativa por ser realizada num país que historicamente despreza sua memória e, por tabela, enterra sua própria identidade enquanto troca-a pelos enlatados *made in* estrangeiro quaisquer.

Para reverter este processo de aculturamento crasso que galopa a patas de unicórnio alado, resta-nos depositar a esperança no resiliente povo brasileiro, que resiste com ginga e mandinga ao ataque secular das elites do atraso. Mas o mercado não ajuda e o milagre não vem. De acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e do Instituto Pró-Livro, que analisa o setor desde 2007 realizando a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, aparentemente enquanto leitores estamos fazendo nosso dever de casa: aumentamos o consumo de 1,3 livro por pessoa em 2007 para 2,43 em 2016, média que sobe para 4,96 se incluirmos os didáticos, com 40% desses comprados pelo governo para rede pública de ensino. Trocando em miúdos, ocupamos o 9º lugar no ranking do mercado mundial. Isso quer dizer 44 milhões de livros (R\$ 5 bi) vendidos em 2018, com aumento de 4,6% em relação a 2017, mas insuficiente para recuperar a baixa de 21% acumulada desde 2007, informa o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel). Atrapalhando o leitor, o valor médio do livro no Brasil é de R\$ 44,47, num cenário incerto onde a crise atingiu os maiores do ramo, Cultura e Saraiva já vendem ativos e fecham lojas deficitárias, pois juntas devem quase R\$ 1 bilhão, motivo pelo qual entraram com pedido de recuperação judicial no final de 2018.

Mas há quem ajude o leitor, como os sebos e vendedores ambulantes, que realizaram 15% das vendas de livros em 2015. Isso significa uma ajuda extra ao povo brasileiro na aparentemente árdua tarefa de complementar sua educação para desenvolver e apurar o senso crítico.

ORIGENS

Estima-se que os primeiros sebos surgiram na Europa do século XVI, oferecendo livros manuscritos, papiros e outros documentos. O comércio de livros no Brasil começa nos Colégios Jesuítas entre os séculos XVII e XVIII, apenas com obras religiosas. Quem quisesse outro tipo de leitura encomendava do Reino ou comprava com marinheiros estrangeiros. Existia apenas “um comércio medíocre e restrito a livros usados, efetuado em empórios ou em lojas de encadernação, cuja existência precedeu as livrarias”.

Em 1750 na cidade de Vila Rica o português Manuel Ribeiro abre a primeira livraria brasileira, a Loja de Livros, especializada em direito e clássicos. A Casa do Livro Azul é o primeiro sebo, inaugurado em 1828, no Rio de Janeiro. Era do francês Albin Jourdan, logo brasileiro para Albino Jordão, “vendia a preços baratíssimos, além de alugar e trocar livros”. Funcionou em três endereços na rua do Ouvidor até 1852.

O uso da palavra sebo para designar livraria de livros usados surgiu muito tempo após esse comércio ter se tornado comum nas cidades. Das hipóteses explicativas, esta é a mais aceita: de tão manuseados os livros se tornam enebados com o suor e a gordura natural das mãos. Com o passar dos anos a corruptela ‘sebo’ passou a ter este significado, sendo usado pela primeira vez nos anos 50 pelo recifense Eurico Brandão, que ainda hoje administra o Sebo Brandão em Recife e suas filiais em São Paulo e Salvador.

As primeiras livrarias de Aracaju surgem no final do século XIX e início do XX, como a ‘Comercial’ (1892), de Guilherme Vieira, a ‘Brazileira’ (1907), de Xavier de Assis, e a ‘Regina’, a mais longeva, indo de 1918 a 1976. Na década de 20 encontramos nosso primeiro sebo, a livraria Mercúrio, de Armando Barreto. “Era o sebo da capital. Um grande empório para compra e vendas de livros usados (...) de grande utilidade, para a pobreza principalmente. Livros de diversos gêneros literários com até 50% de desconto.”

Livros da coleção de André Teixeira





Da esq. para a dir.: Sidcley Santana, Jônatas Brito, Juliano Beck, Deivid Silva e Kaio Felipe



CONFISSÕES DE UM RATO DE SEBO

Abduzido em 1984 pela cultura pop via HQs da Marvel, encontrei nos sebos maceioenses um oásis de papel e tinta para minha parca renda de estudante mantido pelo pai. Jejuava na escola e pulava a catraca dos ônibus pra juntar dinheiro e comprar três usados pelo preço de um novo. Foi assim até 89, quando voltei a morar em Aracaju. Achei o ‘Sebox’ na rua Itaporanga, o maior da época, e as bancas do ‘Fumaça’, onde passei a comprar mais livros do que HQs. Ficava no início da rua Santa Rosa, que também abrigava a banquinha da ‘Cida’, esquina com Av. Carlos Firpo. Completando o cenário, nos fundos da Rodoviária Velha tinha uma banca de revistas e livros, outro sebo, vizinho à Caixa da rua Geru e o ‘Novo Moria’, no Siqueira Campos. A ‘Letraria’, de Ricardo Itaboraí. Funcionava na antiga Serpaf do Augusto Franco e tinha um acervo voltado à literatura e ciências humanas. A livraria de José Rito ficava na entrada norte do Thales Ferraz, era especializada em literatura sergipana e passou a vender livros usados em 2010. Quem também marca presença é Brandão, vendedor de livros na Universidade Federal de sergipe por mais mais de 40 anos. O professor Romero Venâncio nos disse que ele “foi importante como livreiro des-





Público na Feira de Sebos, no Parque da Sementeira



de os anos 70 em Aracaju.” Em 2011 abriu um sebo na UFS que funcionou por pouco tempo. Faleceu em 2013 após ter passado mal e demorar a ser atendido no Hospital de Urgência de Sergipe - HUSE.

O grande marco dos sebos aracajuanos em quantidade e qualidade foi o ‘Coquetel da Cultura’, fundado por Luiz Henrique nos anos 90, contava com o acervo da recém-fechada ‘Livraria Jubiabá’. Tornou-se um dos maiores do Nordeste, ocupando dois endereços para caber seus mais de 60 mil livros e 5 mil LPs.

Outro espaço para compra e venda de livros foi (e ainda é) a sempre marginalizada ‘Feira das Trocas’, uma grande feira que desde o final dos anos 60 vende ou troca todo tipo de produtos usados. Esse tipo de ação, espontâneo nas feiras desse gênero no Brasil e no Mundo, elege a rua como grande expositor, como nos eventos da Casa Rua da Cultura, onde era comum ver livros e discos à venda. Hoje não só as ruas servem de vitrines, como as praças e parques também estão se transformando em extensões de uma grande livraria informal, onde uma nova geração de sebitas passa a coabitar com a velha guarda e a propor uma grande e simples novidade, que é a realização de feiras com diversos vendedores, profissionais ou amadores.

Juliano Beck, um dos organizadores do evento



Maria Victória, dona do bazar Novo de Novo





DE FUMAÇA AO BONDE DAS TRAÇAS: UM PASSEIO POR RUAS E PARQUES DE UMA ARACAJU CHEIA DE LIVROS

José Evangelista dos Santos, o popular Fumaça, é o mais antigo vendedor de livros usados de Aracaju em atividade. Nasceu em 1937 e logo perdeu pai e mãe, tendo que trabalhar ainda criança. Esse devoto de Santo Antônio ralou muito desde os anos 50. Primeiro nas feiras de Itabi e Aquidabã, vendendo livros de bolso e gibis usados. Foi cobrador de ônibus e vereador em sua cidade natal. Veio morar em Aracaju em 1973 e três anos depois já era dono das bancas na rua Santa Rosa. Em setembro de 2000 mudou-se para o atual endereço, o Sebão do Fumaça, nos boxes 26 e 27 do Mercado Municipal Albano Franco.

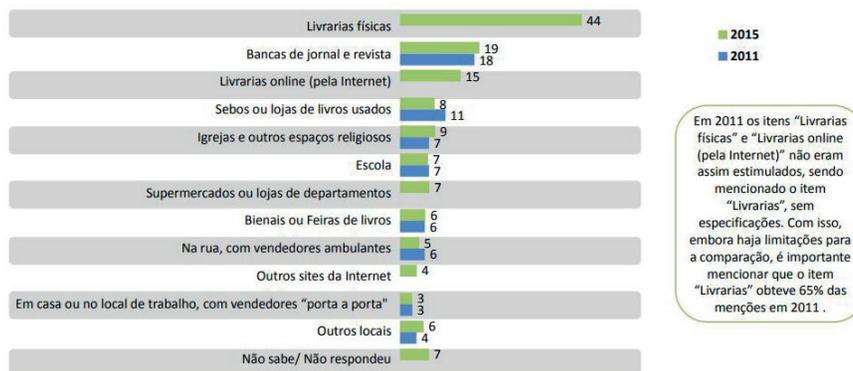
Atravessando a Passarela das Flores no sentido Mercado Antônio Franco para o Thales Ferraz, encontramos o artista plástico e comerciante Wilton 'Artes' Ribeiro, que há 45 anos ocupa os dois boxes da entrada leste, onde cédulas e moedas, quinquilharia variada e peças de artesanatos dividem espaço com seus mais novos produtos: livros e LPs. Saindo dos Mercados vamos ao nº 482 da rua Capela encontrar o Michel Livraria & Sebo, mais novo da cidade sob comando de Elisabeth Meneses e Michel Canabrava, que vende há mais de dez anos no chão da mesma praça. Agora, além de livros didáticos, romances, vinis e HQs, vendem também churrasquinho de vários sabores e cervejas geladas.

Seguindo pela rua Capela em direção à Rodoviária Velha, dobramos à esquerda na rua Geru e na esquina do cruzamento com a rua Lagarto você encontrará um dos maiores de Aracaju, o 'Sebo do Natan'. Natan Viana abriu anos atrás uma portinha na rua Capela para vender CDs e DVDs, depois de vender na Feira das Trocas e no conjunto João Alves. Ocupou uma parte da loja da Quirino com livros e discos por um ano, e hoje tem um dos maiores acervos da cidade. Conversei com ele enquanto embalava um dos vários livros a despachar pelos correios. Natan anuncia os livros mais raros ou populares no Mercado Livre e na Estante Virtual, e envia para todo Brasil e exterior. Além das remessas regulares de livros e LPs que compra a quem vai lhe vender, costuma viajar para outros estados para renovar o acervo. Trabalhando sozinho no início, há algum tempo sua esposa o ajuda, e agora sua filha se juntou à equipe.

Descemos a rua Lagarto e na esquina seguinte dobramos à esquerda na rua Divina Pastora, até o nº 928, onde encontramos a capelense Maria Élide, dona Didi, no 'Dinossauro Universo Cultural'. Hoje, o maior espaço comercial dedicado ao sebo. Ela e seu esposo Manuel Bomfim, alugaram o Cacique Chá em meados dos anos 2000, saindo de lá apenas em 2009. Alugaram duas casas para armazenar milhares de livros, revistas e LPs. Compraram uma casa e reformaram para ser o novo prédio da livraria, quando Bomfim teve um infarto e faleceu em 2013, poucos meses antes de mudarem para o atual endereço. Dona Didi, bem como a maioria dos sebistas que possuem lojas, atendem no horário comercial e possuem, ainda que o fluxo oscile, uma clientela regular. Mas há uma nova categoria de sebistas que atuam numa dinâmica mais flexível e de acordo com as tecnologias digitais, divulgando seus endereços nas redes sociais para compensar a falta de melhores pontos comerciais, como a faz *cosplayer*, e estudante de letras, Maria Victória, dona do Bazar Novo de Novo, em São Cristóvão. Entrei lá para entrevistá-la e saí com quase 10 livros dos 400 que tinham recém chegado: entre outros, Wally, Mautner, Chacal, e o sensacional "Cuba: tierra y pueblo", do fotógrafo Gianni Costantino. Tudo pago no cartão, em 2X. Começou o negócio com roupas, mas depois surgiu a oportunidade de inserir os livros. Ela e sua mãe atendem na rua B, nº 26, do conjunto Rosa Elze e no @bazarnovodenovo_.

Onde compra livros

(%)



Base: Já comprou livros 2011 (2205) / 2015 (3237)

P.49) Em geral, sem contar livros didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso, o(a) sr(a) compra livros em qual destes lugares? 50

IBOPE
inteligência

Essa dinâmica do meio ambiente digital promove boas oportunidades a quem, independente do tamanho do acervo, queira ou precisa de renda extra pra ajudar a pagar as contas. No Mercado Livre temos uma boa visão desse nicho do negócio. Dos 1.368.784 livros cadastrados no Brasil, 64% são usados. Desses, apenas 0,145% saem de Sergipe: 1.993 livros partindo de 38 municípios, onde Aracaju possui 1.595, seguido de Aquidabã com 141 e Itabaiana com 40. Por R\$ 6 é possível levar "Outsider", de Stephen King, ou "A liberdade da expressão", do jornalista Cláudio Nunes. Com R\$ 600 você leva a 2ª edição do Tratado de Geriatria e Gerontologia da ed. Koogan. Na Estante Virtual encontramos uma amostragem semelhante em quantidade, mas apenas cinco vendedores de Sergipe. São 1.009 livros variando de R\$ 5 a R\$ 300. Na OLX foram 1.026 anúncios em livros e revistas. Em Aracaju 790 e 236 em outras 23 cidades sergipanas.

As feiras de livros didáticos usados são um nicho à parte nesse mercado. Realizadas há pelo menos 20 anos em vários bairros da cidade entre novembro e março, de acordo com o calendário escolar, e propiciam compras com valor até 50% menor em relação aos livros novos.

Outras dinâmicas criativas envolvendo interações digitais e formais são apresentadas por jovens que aliam o amor aos livros à necessidade de incrementar sua renda. Juliano Beck (Cicloteca Severina), Deivid Silva (Sebo do Silva), Jônatas Santos (Sebo do Jônatas), Sidcley Santana (O Ermitão) e Kaio Felipe (KF Store) formam o Bonde das Traças, coletivo de sebos itinerantes que propõe a união dos sebigipanos em prol da organização de eventos culturais e fortalecimento da cena". Os caras se encontraram nos corres da vida e aprofundaram os laços de amizade no – entre outros – Elenildo Rock Bar. Entre uma breja e (quando o dinheiro dava) outra, gestaram o 'Encontro das Traças', que serviu de ninho para a formatação e elaboração do 'Encontro Cultural de Sebos', evento realizado desde dezembro de 2017 e que se encontra na 7ª edição, congregando cada vez mais expositores, além de atrair centenas de leitores ávidos por encontrar livros, revistas e HQs por verdadeiras pechinchas.



De cima para baixo:

Natan Viana, proprietário do “Sebo do Natan”
Elizabeth Menezes, da “Michael Livraria e Sebo”

Os sebos são boias salva vida nesse mar tempestuoso e sombrio de ataques ao conhecimento e de fomento explícito à incultura que se constrói em boa parte do planeta. Atuam como faróis em nossa noite mais escura, provendo de conhecimento sem pudores e por módicos valores, néscios ou bibliófilos garimpeiros que vão em busca da raridade e do desconhecido. Mas os sebos não existiriam sem os sebistas. Ouso até dizer que o sebista é um ser *mezzo Firmim*, posto que metaforicamente transforma em pão os livros que vende, *mezzo Guy Montag*, personagem bradburyano que salva – em vez de destruir – livros, ilegais na ficção distópica “Fahrenheit 451”. Mas infelizmente a destruição de livros não existe exclusivamente na ficção. Numa rápida googlada encontramos desde 2018 nove registros de incêndios em bibliotecas brasileiras, incluindo a tragédia sem par que foi a perda dos 37 mil volumes, entre obras de referência, livros, periódicos, teses e dissertações, da biblioteca do Museu Nacional no Rio de Janeiro. A vida imita a arte? O retrato da situação é pior, pois além de tanto livro queimando, ainda há quem os jogue no lixo. Ao que parece, mais do que nunca sebos, da mesma forma que as livrarias e bibliotecas, continuam sendo importante repositório para manutenção da nossa memória cultural, um dos pilares para a manutenção do nosso sentido de identidade coletiva, e isto, como diria o historiador Jacques Le Goff, “é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

Se ainda estais convencido que um sebo é apenas uma livraria de livros usados, o poeta Carlos Drummond de Andrade definiu-o à perfeição: “o sebo é a verdadeira democracia, para não dizer: uma igreja de todos os santos, inclusive os demônios, confraternizados e humildes. Saio deles com um pacote de novidades velhas, e a sensação de que visitei, não um cemitério de papel, mas o território livre do espírito, contra o qual não prevalecerá nenhuma forma de opressão” Uso suas palavras na esperança de que quem contemple um lugar de livros sinta a mesma reverência de que quem entra num templo para orar. **C**

Com a leveza e a beleza dos deuses

Por Lúcio Prado



SÃO FRANCISCO EM MADEIRA

Zeus, tu és soberano dos céus, mestre dos fenômenos naturais que comanda os corpos celestes e faz tremer o universo com um gesto de tua cabeça. Teu nome deu origem à palavra deus e mesmo com todas as tuas contradições, tu és o rei dos deuses, apesar de não seres justo sempre. Justiça é algo que ocorre entre iguais, e Zeus está acima de todos. O nosso “Zeus”, o Zeus sergipano, tem sua obra espalhada pelo mundo, em esculturas divinas.

Conheci a arte de Zeus na década de 90, graças ao memorável Dinho Duarte, que tão jovem partiu dessas paragens levando uma boa parte da nossa arte mais fulgurante. Na virada dos anos 90 para o novo século estávamos às voltas com projetos memoráveis, que culminou na instalação do Cantinho da Arte da Unimed, um espaço alternativo para a difusão da arte e da cultura em nosso Estado, mais notadamente em Aracaju. Através da iniciativa e do trabalho dele, em parceria com Ilma Fontes, abrimos as portas da cooperativa para diversas manifestações artísticas e o “cantinho” foi a ação mais esplendoroso do Programa Unimed Cidadã. Muita gente envolvida. Ismar Barreto e João Alberto fizeram o jingle, Dinho e Ilma Fontes abriram caminhos para os jovens iniciantes, vieram os catálogos impressos, entre eles o Catálogo dos Artesãos. Nele estava Zeus, com toda a sua maestria. Mas tinham outros... Melquíades, Véio, Dona Judite, João do Cesto, Pedrinho Ará, Maria Lúcia Ribeiro, Cristina dos Santos, Alzira, Hercílio...

O Cantinho da Arte, enquanto durou, trouxe expressiva colaboração para a disseminação de jovens talentos, não só nas artes plásticas, como também na literatura e na música. Mas não é o Cantinho da Arte que queremos destacar aqui. Queremos falar de Zeus...

Visitava recentemente um parente numa casa na Barra da Tijuca, no Rio de

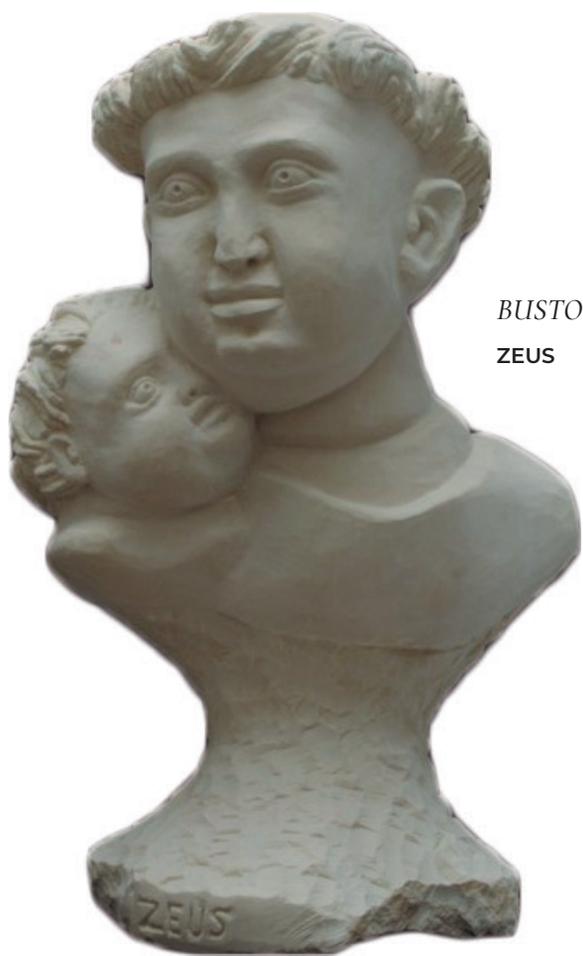
Janeiro, quando observei no jardim da residência a escultura de um santo talhado em cedro, de uma beleza fulgurante. Frente a minha admiração, o morador provocou: - “É da sua terra!” Retruquei-lhe: - “Como? O santo?” - “Não, o escultor, olhe o pedestal! Leia quem esculpiu o nosso Frei Bento”. Estava lá: Zeus. Arrematei: - “Deus!”

Neste mês de março, o governo de Sergipe inaugurou uma exposição para celebrar os 164 anos de Aracaju, quando revii Zeus participando da coletiva e contei-lhe sobre o meu achado. Ele lembrou: - “Foi uma encomenda do querido amigo Dinho Duarte para presentear seus tios que residiam naquela cidade, mas não me lembrava mais disso.” Ficou feliz com a minha observação. Fiz um comentário em redes sociais sobre o episódio e logo em seguida fui provocado pelo confrade Amaral Cavalcante, da Academia Sergipana de Letras: “você colocou o nosso Zeus na pauta, é um extraordinário artista, tão pouco reverenciado por seus conterrâneos, converse mais com ele”, instigou o editor da Cumbuca.

Marcamos então o encontro. Na Galeria Álvaro Santos, ponto central da cidade. No horário marcado, chegamos. Ao entrar, deparamos com um cenário desolador, no salão principal, nenhum quadro na parede, uma pessoa na escada preguiçosamente jogando tinta na parede. No centro da sala, na pequena carteira, do

TÍTULO DESCONHECIDO
ZEUS





BUSTO DE SANTO ANTÔNIO
ZEUS

tipo escolar, um homem olhava para o serviço, com cara de poucos amigos. Era Luiz Adelmo, olhar abatido. - “Não podemos ficar aí, Luiz, o cheiro da tinta está muito forte”, disse-lhe, apelando para a minha autoridade médica. Um pouco a contragosto, aceitou sair dali e na saída, em frente a uma escultura de Zeus, ao lado do autorretrato de Álvaro Santos, exclamou: - “É a obra de um homem que nunca me faltou, quando dele precisei.” Convidei Luiz para participar da nossa conversa, mas ele alegou um compromisso no Banese. Caminhamos na direção do nosso carro estacionado na frente da antiga sede da Prefeitura de Aracaju, mais um prédio histórico de Aracaju que vai se esvaindo em ruínas, um pedaço da platibanda que cai aqui, outro ali. Soube que a Universidade Tiradentes vai tomar posse do prédio para instalar um memorial, mas é bom que não demore!

Dali saímos para o café do Museu da Gente e na entrada nos deparamos com várias esculturas de Zeus, no átrio, no salão principal; a “Maria Bonita” que está à venda na lojinha é de uma beleza primorosa e invulgar. Sentado numa das poltronas do salão, Murilo Melins deixava-se contemplativo, observando o entra e sai dos visitantes. Ao nos ver, exaltou Zeus, como uma reencarnação dos escultores gregos! Saboreamos água de coco e café.

Adriana Hagenbeck, que exhibe na escrivania antiga de seu Café uma linda escultura de Zeus, chegou na nossa mesa dizendo que o que mais admirava no escultor, não era o artista, era o homem, o seu caráter, simplicidade, bondade, “que não se deixa levar por títulos, prêmios ou homenagens, mas vive a sua arte, sem vender a sua alma”, reforçando o seu lado lúdico que passei a admirar.

Fui na busca dos registros, explorar a sua arte, sua história, sua vida, que ele próprio não se sente à vontade pra falar, talvez pela timidez e pude então constatar seus feitos, as publicações, as notícias dos jornais, como aquela que registra a Nossa Senhora que o governo de Sergipe presenteou a primeira dama do Brasil, esposa de um presidente do regime militar em visita ao Estado, as exposições individuais e coletivas, a exposição “Zeus – do lírico ao sensual”, na Sala do Artista Popular, promovido pela Funarte no Rio de Janeiro, em 1997, uma vida dedicada à arte.

O nosso Zeus é o soberano da terra, oriundo da pequena Ribeira, tão formosa Ribeira, em Itabaiana, onde nasceu em 1959 e que abrigou outros talentos, como Caá, filho de J. Inácio, que lhe deu o codinome Zeus, quase um presságio do que viria a ser o jovem Jorge Alves Siqueira.



MULHER



ZEUS E SUA OBRA TALHADA EM ARENITO
FOTO: ASCOM FUNCAJU

Um homem de atitudes simples e de alma livre, que não se adaptou ao burburinho e ao tipo de vida das cidades, corrida e competitiva. A Ribeira, que viu crescer o menino e adolescente Zeus era um pequeno paraíso, um lugar privilegiado pela natureza, com seus riachos intocáveis e pequenas quedas d'água, o Poço das Moças, a cachoeira, o ar puro e o canto dos pássaros. Um cenário perfeito para os artistas, o mundo de Deus para Zeus. Um lugar que seduziu Caã e outros artistas na busca de inspiração.

O gosto pela escultura veio da admiração pelo irmão mais velho, Jorge Valdo, um arteiro completo, que fazia de tudo e jamais saiu da cabeça de Zeus os carrinhos de brinquedo criados pelo irmão que, infelizmente, após sofrer um grave acidente, o afastou da lide. “Não tinha o mesmo pensamento do mano Jorge, embora reconhecendo nele um grande talento, eu o achava muito preocupado em logo querer vencer na vida, de reconhecerem a sua arte”, disse-me Zeus. Jorge Valdo foi então para São Paulo e, infelizmente, terminou perdendo a sua arte na selva de pedra, engolido pela metrópole.

A cidade de São Cristóvão, além da Ribeira, exerceu sobre o artista uma influência notável, que o fez enveredar pelo tema sacro. Com seu estilo inconfundível, tanto na madeira como no arenito, do seu esculpir nasceram santos e corpos nus de extrema beleza. Além dos temas sacros, Zeus criou o sertanejo na labuta diária e exaltou outras figuras típicas do nordeste, como o vaqueiro, o cangaceiro e o lavrador.

Sua obra ímpar extrapola as fronteiras de Sergipe e do Brasil, colocando-o no patamar dos maiores nomes das artes vi-

suais na atualidade. Em Zeus, a felicidade reside nas pequenas coisas, na simplicidade, nadar no Rio São Francisco e andar de pé no chão. Vê na arte a oportunidade de reverenciar os seus santos, os seus valores cristãos. Para ele, “a escultura é uma arte muita sofrida, penosa, onde as pessoas dão pouco valor”, desabafa, num raro momento de tristeza. Sim, porque na maior parte do tempo, Zeus vibra com o que faz, sem demonstrar vaidade, orgulho ou prepotência, ao contrário, esconde-se numa simplicidade e humildade franciscanas.

Para o historiador Luiz Antônio Barreto (in memoriam), poucas vezes um nome de artista simbolizou tanto o movimento das artes em Sergipe como o de Zeus, que é escultor de anjos e de santos, mas que é, também, artista da paisagem seca que, de tão áspera, parece uma abstração da natureza, uma natureza-viva, madrastra, algumas vezes impiedosa com os viventes.

Zeus é artista singular, porque sua arte, apesar de poder ser contextualizada na esteira do magistério religioso, tem o poder de manter-se viva, forte, inspiradora, revelando um artista que domina as emoções motivadoras, da mesma forma como sabe utilizar a consciência e a responsabilidade do fazer cultural.

Zeus trafega da obra artística para a referência da cultura que a nação nordestina tem na alma, como herança e como identidade.

Igual ao Zeus mitológico, o ceboleiro Zeus é pleno de amor. Amor pela sua terra, pelo sertão, pelo rio, pela família, seus filhos, Abraão, Zélia e Zeus, pela sua arte, única, lúdica, que invade os nossos corpos com a leveza, a sutileza e a beleza dos deuses. 

CRISTO
ZEUS





QUATRO INTELECTUAIS CATÓLICOS

Jorge Carvalho do Nascimento

Para tornar o governo da Igreja mais eficaz e mais próximo dos cristãos o Papa Pio X criou, no Brasil, sete novas Dioceses durante o seu Pontificado.



O Concílio do Vaticano, instalado em dezembro de 1869 e encerrado em outubro de 1870, foi convocado pelo Papa Pio IX como reação ao Racionalismo e ao Galicanismo que se expandiram durante a segunda metade do século XIX. O Racionalismo que tomou conta de toda a Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII e que no século XIX estava presente nas discussões de distintos grupos católicos, ombreava com o Galicanismo. Enquanto o primeiro elegeu a razão como fonte principal e única base de valor do conhecimento humano, o Galicanismo defendia a subordinação da autoridade da Igreja ao poder do Estado e a limitação do poder papal em face da hierarquia eclesiástica de cada país. Tal polêmica fora vivida intensamente pelos brasileiros durante o Segundo Império, com a chamada questão religiosa, quando o Imperador Pedro II mandou colocar na cadeia o Bispo de Olinda, Dom Vital, e o Bispo do Pará, Dom Antônio Macedo Costa.

Além do Racionalismo e do Galicanismo, uma outra questão incomodava muito a hierarquia católica durante a segunda metade do século XIX: a expansão do Protestantismo, principalmente em países da América Latina, como o Brasil, o Chile, o México e a Argentina. O Concílio do Vaticano aprovou a Constituição Dogmática *Dei Filius* e também a Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*. O Pontífice Romano foi reafirmado como autoridade suprema da Igreja e também foi ratificada a infalibilidade papal.

Pio IX (1846-1878) foi sucedido no governo da Igreja por Leão XIII (1878-1903) e este por São Pio X (1903-1914). O Papa Pio X foi extremamente proativo, buscando sanar várias questões que preocu-

pavam os católicos desde o Concílio do Vaticano, em 1870, principalmente a expansão protestante na América Latina. Redigiu pessoalmente um Catecismo que buscava tornar mais acessível aos adolescentes o Cristianismo difundido pela Igreja Católica. Para tornar o governo da Igreja mais eficaz e mais próximo dos cristãos criou, no Brasil, sete novas Dioceses durante o seu Pontificado: Cajazeiras, no Estado da Paraíba; Taubaté, em São Paulo; Ilhéus, Barra e Caetité, na Bahia; Campanha, em Minas Gerais; e, Aracaju, em Sergipe.

Dom José Thomas Gomes da Silva, o primeiro Bispo de Aracaju, instalou a Diocese em 1911 e adotou algumas medidas importantes para uma maior difusão do pensamento católico em Sergipe e a criação de uma elite de intelectuais difusores do Catolicismo. Seguindo os padrões que a Igreja Católica adotara a partir do Concílio do Vaticano, uma das principais estratégias do catolicismo brasileiro foi também a difusão de novas instituições educativas e instituições culturais a exemplo de jornais, associações, emissoras de rádio e irmandades.

Inicialmente, Dom José Thomas fundou o Seminário, destinado a preparar os meninos com pendores para as vocações sacerdotais, instalado em 1913. Em 1918 começou a circular o jornal *A Cruzada*, semanário mantido pela Diocese de Aracaju, destinado também à difusão do pensamento católico. Dom Fernando Gomes, sucessor de Dom José Thomas e segundo Bispo da Diocese de Aracaju, foi o responsável pela criação do jornal *A Defesa* (1949), em Propriá, e da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – Fafi, em 1951. O terceiro Bispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, criou, em 1959, a Rádio Cultura de Sergipe, cujos propósitos estavam muito bem

definidos em seu slogan: “uma emissora católica nos céus do Brasil”.

Tudo isto sem falar da rede de colégios católicos implantados em todo o Estado de Sergipe, ao longo do século XX, a saber: Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903), Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora (1909), Oratório Festivo São João Bosco (1914), Ginásio Nossa Senhora das Graças, em Propriá (1915), Colégio Imaculada Conceição, em Capela (1929), Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Estância (1936), Colégio Patrocínio de São José (1940), Ginásio Santa Teresinha, em Boquim (1947) e Colégio Nossa Senhora da Piedade, em Lagarto (1947).

Certamente, todas essas iniciativas foram muito produtivas para a difusão do pensamento católico em Sergipe. Contudo, este texto se propõe a colocar luz sobre quatro homens que ao longo do século XX assumiram tarefas como intelectuais orgânicos do catolicismo em Sergipe e também de agentes políticos, essenciais para a formação dos quadros que assumiram os princípios do catolicismo: José Amado Nascimento, José Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado e Luiz Rabelo Leite.



Dom José Thomaz



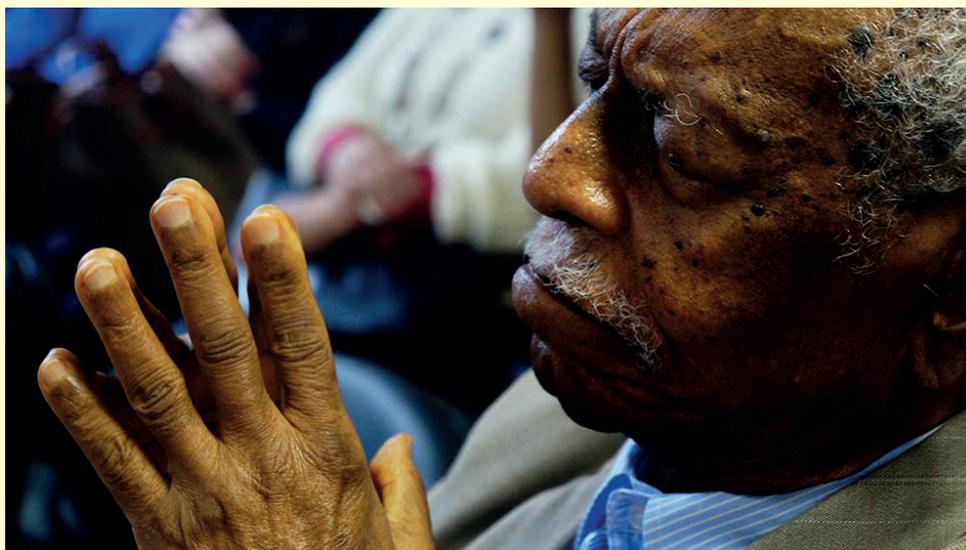
C A B R A L

Natural do município de Rosário do Catete, o advogado Manoel Cabral Machado frequentou estabelecimentos de ensino católicos desde que começou a cursar as primeiras letras: Colégio Santa Inês, Colégio São José e Colégio Salesiano. Nascido em 1916, depois que retornou da Bahia, em 1942, com o título de Bacharel em Direito, trabalhou com o professor no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Foi um dos fundadores do corpo docente da Faculdade Católica de Filosofia - Fafi, em 1951. Dentre os trabalhos de maior relevância que publicou estão os Poemas à Mãe de Deus, “Páginas de Fé e de Esperança”, “A Doce Terra Mãe e o Pai... No Azul dos Céus” e “O Paraíso Perdido e Reencontrado”.

Como os católicos conservadores da primeira metade do século XX, Cabral Machado comungava com os ideais de Dom Leme e de Alceu Amoroso Lima e assumia a ideia de que os militantes da Igreja Católica não necessitavam de um partido político próprio. Entendia que o fundamental era a defesa das teses do catolicismo. Por isto, assumiu desde o princípio os ideais do Partido Social Democrático – PSD, onde foi uma das lideranças de maior relevo. O PSD fez de Cabral Machado secretário da prefeitura de Aracaju durante a gestão de José Garcez Vieira, diretor do Serviço Público estadual no governo de Maynard Gomes, secretário da Fazenda e chefe da casa civil no governo de José Rollemberg Leite, secretário de Educação do governador Celso de Carvalho e procurador geral no governo de Antônio Carlos Valadares. Machado foi conselheiro do Tribunal de Contas e deputado estadual por três legislaturas.

Filho de um médico que foi chefe político e prefeito de Rosário do Catete, antes de mudar com a família para o município de Capela, Cabral Machado despontou como liderança quando estudava no Colégio Atheneu e participou da agitação estudantil, chamando a atenção pela força dos seus discursos. Juntamente com outros jovens católicos ficou entusiasmado com o Movimento Integralista, do qual foi participante ativo.

Sem nenhuma dúvida, foi a condição de professor um espaço muito valorizado por Cabral Machado para a difusão das suas ideias. Sua carreira foi extensa como professor de História do Brasil e História Universal do Colégio Ateneu; Direito do Trabalho, Direito Civil e Economia Política da Faculdade de Direito de Sergipe; Filosofia Antiga, Filosofia Medieval e Sociologia Geral da Escola de Serviço Social.



AMADO

Contabilista, Pedagogo e Bacharel em Direito, José Amado Nascimento nasceu em Aracaju no primeiro dia do mês de agosto de 1917. Como intelectual católico, José Amado prestou importantes serviços a Diocese de Aracaju, a começar pela responsabilidade que aceitou assumir de dirigente do jornal *A Cruzada*. José Amado foi a expressão, em Sergipe, dos ideais que o arcebispo Dom Sebastião Lema concebera no Rio de Janeiro durante a década de 1920 em parceria com Alceu Amoroso Lima que assumiu a direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, criação de Jackson de Figueiredo. Por sugestão de Dom Leme, Alceu Amoroso Lima foi Secretário Geral da Liga Eleitoral Católica - LEC que teve em Sergipe José Amado Nascimento como seu Secretário. Nas eleições de 1947, José Amado estava ao lado do empresário Hélio Ribeiro, exortando os católicos a não votarem em Luiz Garcia para governador sob a alegação de que este recebia o apoio dos militantes do Partido Comunista. O radicalismo da LEC era tamanho que o bispo Dom José Thomas assinou uma Nota Oficial da Diocese a ser lida na missa dominical em todas as paróquias, ameaçando de excomunhão os católicos que votassem no candidato da UDN. O padre Filadelfo Jonatas de Oliveira, udenista entusiasmado, pároco de Laranjeiras, leu o texto em latim e os fiéis não entenderam a mensagem do bispo. Mas, em todo o Estado, Garcia perdeu a eleição e José Rollemberg Leite foi eleito governador de Sergipe.

Com uma caudalosa produção de poeta, José Amado se entusiasmou com o Movimento Modernista e buscou, em sua poesia, assumir temas caros a crítica social, não obstante o seu conservadorismo político revelado pela militância no Movimento Integralista Brasileiro e na Liga Eleitoral católica sergipana, na década de 40 do século XX. A sua poesia é reveladora das leituras que fez de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Emílio Moura e Jorge de Lima. A sua crítica social tinha como pano de fundo o ardor das convicções religiosas, como no Poema do Menino Sem Pai: Nasci em dia de trevas,/ Não vi meu pai como era./Há tanta treva no mundo/Rondando o berço dos pobres./Há tanta treva nas ruas/Na hora dos enfeitados.

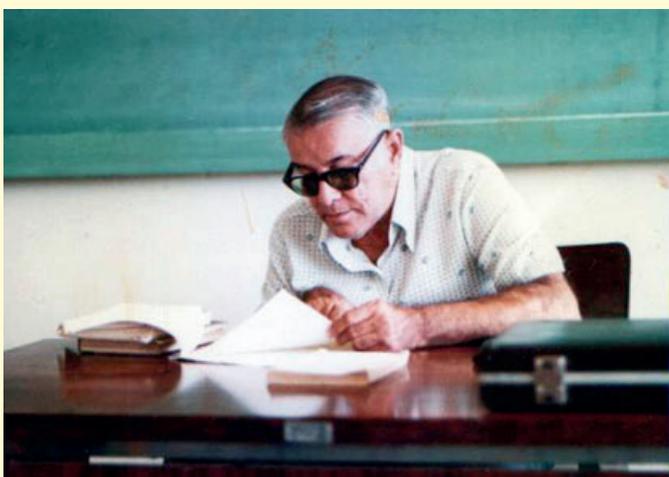
Ou no poema Sermão dos Pobres: Jesus operário,/No banco, no torno,/Martelo, serrote,/Trabalha a madeira,/Ajuda a José,/Trabalha com as mãos/Abençoando os instrumentos dos trabalhadores.

SILVÉRIO

Aracajuano nascido no dia seis de abril de 1924, o professor José Silvério Leite Fontes aprofundou os seus estudos sobre catolicismo durante a primeira metade da década de 40 do século XX, quando era militante da Juventude Universitária Católica, na condição de estudante do curso de Direito em Salvador, no Estado da Bahia, onde se graduou em 1946. Ali, conheceu o professor Herbert Parentes Fortes que o apresentou aos então novos caminhos da Filosofia e da Teologia, que Silvério assumiu como explicações para os problemas do mundo, principalmente através dos escritos de Jaques Maritain e Leon Bloy. Em artigo de homenagem póstuma que publicou no ano de 2002, após a morte do amigo, a historiadora Maria Thétis Nunes desenha um bom retrato daquele período de formação na Bahia quando ela, estudando História e Geografia, convivia com o Silvério estudante de Direito: “Conversávamos, discutíamos, impressionando-me sua fé em Deus, a participação nos atos religiosos, indo a missa dominical com o missal sem importar-se com a zombaria dos colegas. Relembro, sensibilizada, ele me acompanhando à noite para assistir palestras de líderes revolucionários como Agildo Barata, quando moça não devia sair desacompanhada à noite... Também eu aceitava seus convites para ir ao Mosteiro de São Bento ouvir palestras religiosas, onde fiz bons amigos, tendo mesmo publicado artigos na pequena revista que lá circulava para universitárias”.

Regressando a Sergipe, atuou como professor e foi um dos fundadores do corpo docente da Faculdade Católica de Filosofia, em 1951, outra vez ao lado da sua amiga Maria Thétis Nunes. A sua formação o fez um militante católico de esquerda. Este caminho o levou a se posicionar sempre em defesa dos Direitos Humanos e a se constituir num dos quadros importantes em Sergipe na luta contra a ditadura militar, a partir de 1964, inclusive na condição de dirigente do Movimento Democrático Brasileiro – o MDB, partido que fez oposição ao regime dos generais.

José Silvério Leite Fontes publicou vários trabalhos, frequentemente abordando temas como Teologia e Religião, além das questões políticas. Do ponto de vista do pensamento católico, um dos trabalhos de maior repercussão dentre os produzidos por Silvério, é a conferência sobre o pensamento de Jacques Maritain, que ele proferiu em 25 de agosto de 1948, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.





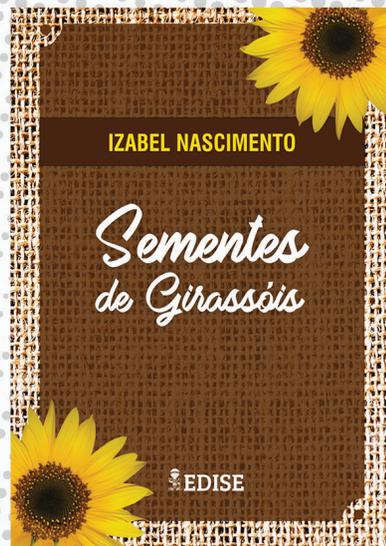
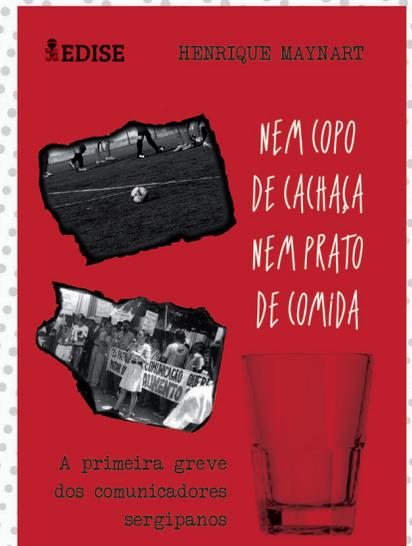
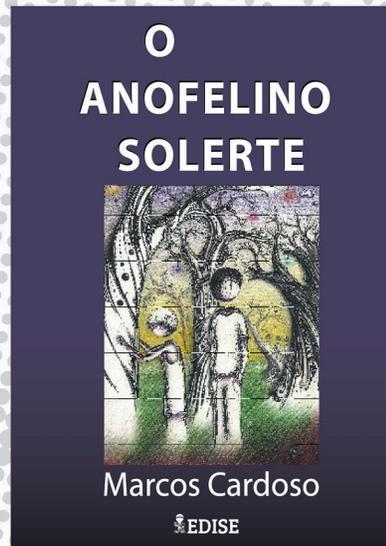
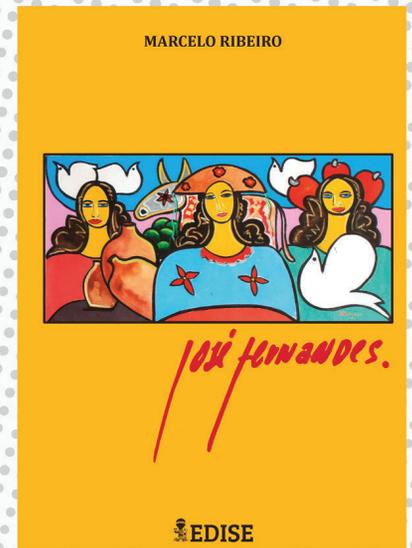
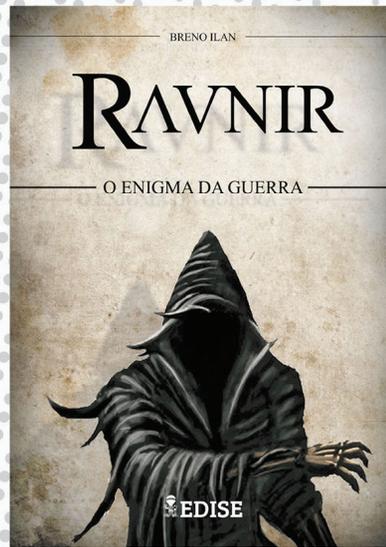
RABELO

O propriaense Luiz Rabelo Leite nasceu em 1926. Como Silvério Fontes, assumiu o pensamento católico a partir de um viés de militante da esquerda. A Educação familiar e as escolas que frequentou solidificaram em Rabelo a força da defesa do catolicismo a partir do que aprendeu nos colégios Sagrado Coração de Jesus e Salesiano. Mas, após a conclusão do curso Ginásial, quando Rabelo Leite começou a frequentar o Atheneu Sergipense que ele consolidou a sua formação de militante católico de esquerda, a partir do seu entusiasmo com a Juventude Estudantil Católica, da qual foi membro. Convicções que se fortaleceram durante os anos em que frequentou a Faculdade de Direito da Bahia, até a obtenção do diploma de Bacharel, em 1954.

Como ocorria com os melhores quadros da intelectualidade católica do século XX, ao retornar da Bahia trabalhou como professor da Faculdade Católica de Filosofia e foi colaborador dos jornais católicos A Cruzada e A Defesa. Dentre os trabalhos que publicou aparecem entre os mais importantes os estudos “A Mensagem do Sinal”, “Coração de Justiça”, “Natal na Hungria”, além do estudo “A Pastoral do Episcopado Peruano”. Ao suceder Luiz Rabelo Leite na cadeira 29 da Academia Sergipana de Letras, o poeta Estácio Bahia Guimarães afirmou que o seu antecessor “Viveu todos os períodos da sua vida de mãos dadas com o Senhor Jesus carregando uma fé inabalável, sem dela vacilar em nenhum momento”.

O seu catolicismo esteve sempre associado aos seus ideais socialistas que sempre elegiam prioritariamente dois temas: Educação e Cultura. “Sabemos que um dos direitos fundamentais da pessoa humana é o da Educação, Direito de todos. Direito de qualquer criatura humana participar por si, com maior liberdade na construção do mundo novo, que por certo há de raiar como uma aurora de luz, nesta hora de trevas. A cultura não é, nem pode ser privilégio de ninguém. A todos devem ser dadas as mesmas possibilidades, a fim de que cada pessoa possa, como homem feito à imagem e semelhança de Deus, realizar e construir o seu próprio destino. O ensino não deve se limitar apenas à alfabetização, conhecimentos gerais das ciências físicas, especialização profissional, porém a formação da pessoa humana, como também o ensino não pode ser monopolizado pelo Estado ou por grupos econômicos ou financeiros”. **C**

“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.



Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br/edise